

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Escola Superior de Educação Física

Programa de Pós-Graduação em Educação Física



DISSERTAÇÃO

**A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE BARREIRAS, FACILITADORES E
ESTRATÉGIAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Luciana Maia Garcias

Pelotas, Setembro/2019

Luciana Maia Garcias

**A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE BARREIRAS, FACILITADORES E
ESTRATÉGIAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de Formação Profissional e Prática Pedagógica em Educação Física Inclusiva.

Orientador: Dr. Alexandre Carriconde Marques

Pelotas, Setembro de 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G216p Garcias, Luciana Maia

A percepção de professores sobre barreiras, facilitadores e estratégias para inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física / Luciana Maia Garcias ; Alexandre Carriconde Marques, orientador. — Pelotas, 2019.

103 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Educação física. 2. Inclusão. 3. Barreiras. 4. Facilitadores. 5. Estratégias. I. Marques, Alexandre Carriconde, orient. II. Título.

CDD : 796

Elaborada por Daiane de Almeida Schramm CRB: 10/1881

Luciana Maia Garcias

**A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE BARREIRAS, FACILITADORES E
ESTRATÉGIAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 27 de agosto de 2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Carriconde Marques (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Mariângela da Rosa Afonso (ESEF/UFPeI)

Prof^a. Dr^a. Gilsenira de Alcino Rangel (FaE/UFPeI)

Dedico este trabalho à todas pessoas com deficiência, principalmente aos estudantes que frequentam a escola e mostram que a escola é lugar para todos!!

AGRADECIMENTOS

Para mim, o ato de agradecer é fundamental. Aqui, não quero somente agradecer pessoas, mas agradecer também pela vida, por estar rodeada de pessoas maravilhosas e por ter condições de estar sempre aprendendo. Em meio a esse mundo de hoje, onde reina o egocentrismo e a falta de empatia, ter condições de conquistar o que conquistei é uma grande vitória, e essa vitória não se daria sem as pessoas especiais que me rodeiam e que fazem tudo na vida ter um propósito.

Quero agradecer, de coração a meus pais, Carla e Gilberto, pelo amor, pelo incentivo, e por nunca desistirem de mim. Foi assim que achei minha profissão à qual sou apaixonada, o que me deixou uma pessoa muito mais realizada e feliz.

A meus irmãos, Felipe e Clarissa, por sempre estarem ao meu lado e prontos para me ajudar quando for preciso.

A meu companheiro Guilherme, pelo apoio diário e pelas palavras de incentivo. Obrigada por entender meus momentos de ausência e por me colocar para cima em momentos que eu estava me sentindo para baixo.

A meu querido professor e orientador Alexandre que sempre esteve ao meu lado disposto a me ajudar no que fosse preciso, além de propiciar vivências que fizeram eu me tornar a profissional que sou hoje. Obrigada pela confiança de encarar esse trabalho comigo!

A minha querida amiga Gabi, que esteve sempre pronta a me ajudar (mesmo não tendo nenhuma obrigação) com muito prazer e interesse. Obrigada por ouvir meus desabafos e por ser a amigona que és!

A todo grupo NEAFA, pela convivência no meu tempo de mestrado e por estarem juntos comigo lutando pela causa das pessoas com deficiência.

A todos docentes que disponibilizaram um pouquinho do seu tempo para responderem meu questionário, sei que em meio à correria do dia-a-dia, pode ser difícil parar alguns segundos, então agradeço imensamente aos colegas que se dispuseram fazer parte do meu estudo.

Agradeço aos diretores e coordenadores das escolas, em especial, professor Sérgio Ferreira e professora Débora Jacks, pelo acolhimento caloroso e pela dedicação para me ajudar. Muito obrigada!!

Enfim, à todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação e desenvolvimento até aqui, meu muito obrigada, de coração!

“Diversidade é chamar para a festa;

Inclusão é chamar pra dançar”.

(Autor desconhecido)

RESUMO

GARCIAS, Luciana Maia. **A percepção de professores sobre barreiras, facilitadores e estratégias para inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física.** 2019. 101f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

Com o aumento da presença de pessoas com deficiência em escolas comuns, torna-se cada vez mais importante a discussão a respeito de práticas inclusivas nas escolas. A disciplina de Educação Física como componente do currículo escolar, deve propiciar a todos alunos, sem exclusão, vivências, práticas e novos aprendizados. Porém, existem situações que podem dificultar na inclusão do aluno. Diante disso, o objetivo do estudo foi identificar quais as barreiras, facilitadores e estratégias desenvolvidas por professores de Educação Física para a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas. A amostra foi composta por 52 professores, sendo que 7 destes foram entrevistados. Verificou-se uma relação entre o número de facilitadores e o perfil do professor, referente à realização de pós-graduação. Quanto aos níveis de especialização observou-se que quanto mais graduado é o professor, mais facilitadores eles percebem. Em relação às barreiras, observou-se um resultado significativo entre as variáveis faixa etária e tempo de docência. Os dados demonstraram uma maior percepção de facilitadores do que de barreiras por parte dos professores. As estratégias utilizadas citadas pelos professores foram: fazer junto com o aluno, ajuda para colegas, atividades e material atrativo, criação de material, adaptação atividades, demonstração, explicação individual e estímulo na permanência do aluno no espaço da educação física. Conclui-se que a formação continuada pode permitir que os professores tenham mais facilidade em incluir seus alunos. A contínua busca por conhecimentos pode ser um grande aliado na inclusão escolar. Percebe-se que os recursos humanos podem ser a solução para muitas barreiras enfrentadas pelos professores, o que torna importante a mobilização da comunidade escolar para que todos possam agir de forma que contribua para a obtenção de uma escola mais inclusiva, criando, assim, uma sociedade efetivamente inclusiva.

Palavras-chave: Educação física, inclusão, barreiras, facilitadores, estratégias.

ABSTRACT

GARCIAS, Luciana Maia. **Teacher's perception about barriers, facilitators and strategies for inclusion of students with disabilities in physical education classes.** 2019. 101f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

The increasing presence of people with disabilities in common schools, become the discussion about the inclusive practices very important. The subject of physical education as a component of the school curriculum, must propitiate for all student, without exclusion, experiences, practices and new learning. However, there are situations that can make it difficult to include the student. The objective of the study was to identify the barriers, facilitators and strategies developed by Physical Education teachers for the inclusion of students with disabilities in their classes. The sample was made by 52 teachers and 7 were interviewed. There was a relation between the number of facilitators and the teacher's profile, regarding postgraduate. As for the levels of specialization, it was observed that the teachers more graduated was the teachers that perceive more facilitators. Regarding the barriers, a significant result was observed between the age group and teaching time. The data showed a greater perception of facilitators than barriers by teachers. The strategies used by the teachers were: To do with the student, help for colleagues, activities and attractive material, material creation, adaptation activities, demonstration, individual explanation and stimulation in the student's permanence in the physical education space, give feedback. It was concluded that the continuing teacher education can help teachers have more facilities to include their students. The continuous search for knowledge can be a great collaborator in school inclusion. Human resources can be the solution to many teachers barriers, which makes it important the mobilization of the school community to everyone can act in a way that contributes to achieving a more inclusive school, thus creating a effectively inclusive society.

Keywords: Physical education – inclusion – barriers – facilitators - strategies

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Organograma sobre conceitos de inclusão	42
Figura 2	Gráfico sobre as estratégias	46
Figura 3	Gráfico de número de barreiras e facilitadores por professor	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Classificação barreiras e facilitadores	34
Tabela 2	Período de graduação dos professores	36
Tabela 3	Período de docência dos professores	37
Tabela 4	Barreiras e Facilitadores para inclusão nas aulas de Educação Física	40
Tabela 5	Tabela de frases (participação)	42
Tabela 6	Tabela de frase (prática, aprendizagem e relacionamento)	43
Tabela 7	Tabelas de frases dos professores, referente a presença de monitor/ajudante.	50

ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
EF	Educação Física
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PNE	Plano Nacional da Educação
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 OBJETIVOS.....	17
2.1 Objetivo geral:	17
2.2 Objetivos específicos:.....	17
3 JUSTIFICATIVA.....	17
4 REVISÃO TEÓRICA	19
4.1 Inclusão	19
4.2 Inclusão escolar	21
4.3 Formação Profissional	25
4.4 Inclusão na Educação Física: Barreiras e Facilitadores	27
5 MATERIAIS E MÉTODOS	32
5.1 Modelo do estudo	32
5.2 População e Amostra	32
5.3 Instrumentos para coleta de dados.....	32
5.4 Procedimento para a Coleta de Dados	33
5.5 Coleta de Dados	34
5.6 Análise de dados:	34
5.6.1 Dos Questionários:.....	34
5.6.2 Das Entrevistas.....	36
5.7 Procedimentos Éticos:	37
6 RESULTADOS	37
6.1 Do Questionário	37
6.1.1 Caracterização da amostra	37
6.1.2 Sobre os alunos com deficiência	39
6.1.3 Barreiras e os Facilitadores	39
6.2 Das Entrevistas	42
6.2.1 Caracterização da amostra	42
6.2.2 Resultados referente às entrevistas	43
6.2.1.1 O que você considera inclusão nas aulas de educação física?	43
6.2.1.2 Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas.....	44
6.2.1.3 Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos com deficiência?	47

6.2.1.4 Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos com deficiência?	50
7 DISCUSSÃO	54
8 CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES	74
Apêndice A - Questionário	75
Apêndice B - Roteiro de perguntas das entrevistas.....	77
Apêndice C - Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido	78
Apêndice D - Transcrição das entrevistas.....	79
ANEXOS	98
Anexo A – Autorização da Prefeitura de Pelotas	99
Anexo B - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	100

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, há um significativo aumento da presença de alunos com deficiência nas escolas comuns do país. Dados do Censo Escolar (MEC/INEP, 2018) demonstram que no ano de 2007 o número de pessoas com deficiência matriculadas em escolas comuns era de 304.882, todavia, dados mais atuais (ano de 2018) referem 1.014.661 de pessoas com deficiência matriculadas. Diante desse abrupto aumento é importante questionar se estes alunos que estão dentro das escolas estão sendo incluídos efetivamente.

Neste contexto, torna-se importante a discussão e a reflexão dos temas alusivos à inclusão e às práticas inclusivas, bem como a análise se estas práticas estão sendo efetivas no contexto escolar. Para isso, é importante debater sobre as barreiras e facilidades de promover essa inclusão, a qual não pode ser realizada somente por professores, pois exige uma mobilização maior de toda comunidade escolar (KASSAR, 2011).

Stainback e Stainback (1999) citam três componentes práticos e interdependentes para o ensino inclusivo, os quais são: a rede de apoio, que envolve a coordenação de equipe e de indivíduos apoiadores; a consulta cooperativa e o trabalho em equipe, que abrange o trabalho conjunto de diversas especialidades; e a aprendizagem cooperativa, que está relacionado à criação de uma atmosfera de aprendizagem. O que vem colaborar com o anteriormente citado. O professor, por mais engajado na educação inclusiva que seja, sozinho, poderá ter diversas dificuldades para realizar a inclusão em sua aula.

Para a inclusão, são necessários, além de um ambiente novo e criativo, um modo de vida escolar com organização com novas formas especiais de se envolver o aprendizado respeitando as características especiais do indivíduo (FALKENBACH et al, 2007).

A Educação Física (EF), é uma disciplina que faz parte do currículo escolar, sendo assim, não pode ficar alheia ao movimento da educação inclusiva. Segundo Rodrigues (2003), há vários motivos para a EF auxiliar para a idealização de uma educação inclusiva, visto que o professor dispõe de uma maior liberdade para organizar os conteúdos que pretende que os alunos vivenciem ou aprendam nas suas

aulas. A inclusão escolar requer dos professores de EF a tarefa de identificar e traduzir as diferenças que chegam até suas aulas (EL TASSA; CRUZ, 2016).

Entende-se que a EF é capaz de despertar o interesse diversos perfis de alunos, com níveis de desempenho muitos diferentes, tornando as aulas de educação física um momento de convivência com as diferenças de forma lúdica, divertida e educativa (RODRIGUES, 2003).

Em razão disso, tem sido cada vez mais importante a preparação de professores para poder receber estes alunos e fazer com que os mesmos usufruam das vivências escolares.

É importante salientar a existência de duas perspectivas, o lado do aluno com deficiência, que precisa ser incluído nas aulas; e o lado do professor, que mesmo sendo favorável à inclusão, pode, por falta de experiência, medo, ausência de informação ou falta de apoio, acabar tendo dificuldades no que se refere ao engajamento do aluno em suas aulas.

Do mesmo modo, é relevante discutir acerca das atitudes positivas dos professores, os quais conseguem realizar uma inclusão efetiva, o que pode vir a auxiliar no dia-a-dia docente.

Diante disso, a presente pesquisa busca descrever as barreiras, os facilitadores e as estratégias utilizadas por professores para a inclusão de alunos em suas aulas, a fim de conhecer a realidade dos professores de Educação Física, e saber por que motivo, em algumas situações, este não promove a inclusão do seu aluno com deficiência. É muito importante saber os motivos e não somente reprovar o ato da não inclusão, para que as dificuldades sejam superadas.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

- Identificar quais os facilitadores, barreiras e estratégias desenvolvidas por professores de Educação Física para a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas.

2.2 Objetivos específicos:

- Verificar o perfil dos professores de Educação Física que ministram aula em turmas que possuem alunos com deficiência nas escolas de Pelotas.
- Descrever os facilitadores e barreiras na inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física das escolas investigadas.
- Descrever estratégias utilizadas por professores de educação física para inclusão de alunos com deficiência em suas aulas.
- Verificar, na percepção dos professores, o que eles consideram incluir um aluno em suas aulas;
- Verificar se há relação entre as barreiras e facilitadores com o perfil do professor.

3 JUSTIFICATIVA

Este estudo pretende colaborar com o cotidiano docente, visto que a inclusão escolar se trata de um tema que deve ser constantemente discutido a fim de que haja novas práticas inclusivas.

As barreiras e facilidades de um professor, podem ser as mesmas de

outro, a estratégia eficaz utilizada por um professor pode ser compartilhada e utilizada por outros. Conhecer a realidade docente, suas facilidades e barreiras, pode permitir mudanças na prática docente e a criação de estratégias para tal.

Rodrigues e Ferreira (2017) dizem que estudar as questões associadas à operacionalização da escola inclusiva implica então conhecer as opiniões dos docentes acerca deste paradigma de educação e as variáveis implicadas neste processo.

O professor deve saber da importância de seu papel para a inclusão, sendo necessário adotar uma perspectiva educacional que valorize a diversidade e que seja comprometida com a construção de uma sociedade inclusiva e não somente adaptar a disciplina (CHICON *et al.*, 2016). Professor que entende que tem dificuldades, mas sempre busca, de alguma forma, incluir seu aluno com deficiência em suas aulas, age em prol da inclusão escolar, e conseqüentemente, para a inclusão social deste indivíduo.

Existem muitos estudos e pesquisas sobre o presente tema, o que demonstra sua importância e relevância para o meio acadêmico e escolar. No estudo de Silva *et al.* (2008) discute-se sobre os dilemas e perspectivas da Educação Física diante da inclusão, e reforça que esta disciplina se encontra em vantagem em relação às outras disciplinas, pois já é adaptativa por si só. Relatam que trabalhar com a temática educação física adaptada nas aulas pode ser positivo e trata-se de uma prática inclusiva por parte do professor.

Em revisão de literatura a qual se analisou 29 artigos com o objetivo de identificar possíveis fatores que facilitam ou dificultam a eficácia da interação no contexto escolar, verificou-se que os principais fatores dificultadores são a falta de apoio de equipe especializada, de materiais didáticos e assistivos e, de formação. Concluiu-se acerca da necessidade de capacitação dos professores e sugeriram a elaboração de novos estudos sobre a saúde do professor e suas concepções sobre a inclusão escolar, além da necessidade de intervenções escolares baseadas na problematização (SILVEIRA *et al.*, 2012).

Diante dos estudos supracitados, é sabido que existem professores que carecem de conhecimento acerca do tema inclusão escolar, o que torna necessária a investigação sobre as dúvidas e inquietações dos professores. Como vamos querer que o professor realize a inclusão, se o mesmo não tiver conhecimento sobre o que é inclusão escolar?

A escolha deste tema se deu em virtude de minha atuação como professora de Educação Física. Graduada há 3 anos em Educação Física, já ministrei aulas em escolas públicas e privadas. Atualmente, sou professora de crianças de 3 a 11 anos em uma escola da rede privada e tenho alunos com deficiência em minhas turmas e, mesmo em toda minha graduação, atuando com indivíduos com deficiência, encontro diversas dificuldades na inclusão de meus alunos em minhas aulas, porém, ao mesmo tempo, sempre busco utilizar algumas estratégias que considero eficazes para inclusão.

Acredito que a existência de barreiras, das mais variadas, para a inclusão escolar, e que não só diz respeito ao professor, mas também à equipe escolar, familiares, estrutura física, materiais, etc. Acredito na importância de conhecermos a perspectiva do professor acerca do tema inclusão, pois este é quem vivencia a prática, e passa por diversas situações as quais, muitas vezes, pode ser frustrante.

4 REVISÃO TEÓRICA

4.1 Inclusão

O termo "Inclusão" possui um conceito amplo, pois quando se fala em Inclusão, não estamos nos referindo somente às pessoas com deficiência.

A palavra Inclusão significa, segundo o dicionário Michaelis, "ato ou efeito de incluir(-se); introdução de uma coisa em outra, de um indivíduo em um grupo etc; inserção" (INCLUSÃO, 2019).

O termo Inclusão Social, segundo o dicionário Dicio, significa “Conjunto de ações que procuram dar acesso aos benefícios da vida em sociedade (saúde, educação, emprego, direitos) para indivíduos que, por algum motivo (classe social, educação, deficiência, opção sexual, raça), encontram-se desfavorecidos em relação ao sistema vigente na sociedade (INCLUSÃO SOCIAL, 2019).

Se referimos à inclusão de um indivíduo na sociedade, isso acontece devido à alguma circunstância que o exclui, como a exclusão social; racial; ou em virtude de uma deficiência; entre outros.

Inclusão, para Santos (2003), trata-se de um conceito amplo que não se limita à simples inserção de pessoas consideradas diferentes em local onde é excluído. Para o autor, inclusão é um processo, que envolve toda sociedade. Processo este que, segundo o referido autor, reconhece os princípios democráticos de participação social plena do cidadão em qualquer esfera da sociedade.

Portanto, inclusão trata-se de um processo e, a inclusão somente existe por existir uma exclusão. Santos e Paulino (2008, p. 12) mencionam que "Inclusão e exclusão são conceitos intrinsecamente ligados, e um não pode existir sem o outro porque inclusão é, em última instância, a luta contra exclusões."

Quando se fala em inclusão é importante saber que não tem relação com o conceito de integração. Rodrigues (2006, p. 303) diz que “a integração pressupõe uma ‘participação tutelada’, uma estrutura com valores próprios aos quais o aluno ‘integrado’ tem que se adaptar”. Ou seja, integrar é juntar com os demais e deixá-los em mesma situação. A inclusão exige uma reforma, uma adaptação ao ambiente.

Como avanço, a ideia de integração foi substituída pela inclusão, redirecionando o foco para o ambiente, e não mais para o indivíduo com deficiência. A inclusão implica uma mudança radical na concepção de deficiência. Sobre o assunto destaca-se as palavras de Sadao Omote (1999, p. 9):

Uma mudança na concepção de deficiência não se promove, certamente, a partir de decisões tomadas em assembléias nem por meio de leis. Implica uma nova visão de mundo e de homem, um novo paradigma capaz de valorizar e respeitar efetivamente a diversidade, de tal maneira que quaisquer pessoas com as mais variadas diferenças, em relação à média da população ou a padrões de normalidade estabelecidos por outros critérios, em termos das condições anátomo-fisiológicas, psicossociais, sócio-econômicas e etno-culturais, encontrem oportunidade de uma vida digna e a mais plena possível, dentro das fronteiras impostas pela realidade da limitação eventualmente determinada por tais condições ou a elas inerente.

Posto isto, para que exista uma inclusão é necessária a quebra de paradigma e a mudança de atitudes e pensamento da sociedade como um todo (SANTOS, PAULINO, 2008). Por esse motivo a inclusão trata-se de algo tão complexo, e, enquanto houver desigualdades, será algo sempre almejado.

4.2 Inclusão escolar

O termo “inclusão escolar” trata-se de um termo recente, criado no ano de 1994 quando a UNESCO, por ocasião da Declaração de Salamanca, registrou sua denominação no âmbito da educação regular (KASSAR, 2011). Os princípios constantes nesta declaração propõem uma educação para todos, em escolas regulares, e sem discriminação.

A educação inclusiva trata-se de um paradigma educacional, fundamentado nos direitos humanos, o qual garante que todo indivíduo, independentemente de sua deficiência, tem o direito de estar na escola e receber o atendimento necessário para seu crescimento pessoal e escolar.

A educação inclusiva no Brasil, teve marcos históricos, para alcançar a atual política educacional de educação especial. Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 7 4.024/61, que aponta o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino (BRASIL, 2008).

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, garante que a educação é direito de todos, seguida pelo artigo 206, que diz que o acesso e permanência na escola é regido pelo princípio de igualdade de condições.

Sobre o atendimento especializado de pessoas com deficiência:

Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de:

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Em 2001 é promulgado o primeiro Plano Nacional de Educação (PNE), o qual estabelece objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, e aponta um déficit referente à oferta de matrículas para alunos com deficiência nas classes comuns do ensino regular, à formação docente, à acessibilidade física e ao atendimento educacional especializado.

Em 2006, em convenção da ONU, a chamada Convenção sobre os Direitos das Pessoas com deficiência, assegurou que todo sistema educacional deve que ser inclusivo, e o Brasil foi um dos países signatários.

No ano de 2008, o Ministério da Educação, juntamente com a Secretaria de Educação Especial, apresentou um documento nominado “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” visando constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os alunos.

Esta Política Nacional (BRASIL, 2008) tem como objetivo garantir a inclusão de alunos com deficiência, transtornos globais e do desenvolvimento e altas habilidades, orientando o sistema de ensino de diversas formas para garantir:

aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

O atual PNE é uma lei em vigência desde 25 de junho de 2014, segundo o site do OBSERVATÓRIO PNE (2019):

O atual documento apresenta um conjunto de metas e estratégias que contemplam todos os níveis, modalidades e etapas educacionais, desde a Educação Infantil até a Pós Graduação, além de estabelecer diretrizes para a profissão docente, a implantação da gestão democrática e o financiamento do ensino. Além disso há estratégias específicas para a redução da desigualdade e inclusão de minorias, como alunos com deficiência, indígenas, quilombolas, estudantes do campo e alunos em regime de liberdade assistida. **(grifo nosso)**

Vale destacar que no PNE em sua meta n.º 4 pretende universalizar para a população de 4 a 17 anos, com deficiência, acesso à educação básica e ao atendimento especializado. Porém até a presente data não possuem dados suficientes para monitoramento do cumprimento da meta.

Sobre a educação inclusiva, Rodrigues e Ferreira (2017) dizem que se trata de um fenômeno global que pode ser restringido ou expandido consoante as políticas sociais, a legislação em vigor e o desenvolvimento socioeconômico dos países.

É sabido que, somente a existência de leis, não garante a inclusão escolar efetiva, pois envolve diversos outros aspectos. É necessário que a escola tenha atitudes positivas no desenvolvimento de projetos inovadores, a fim de que torne a prática inclusiva como cultura da escola, e não um método, uma técnica (MARTINS, 2014).

A escola é considerada um local que deve aceitar todo tipo de indivíduo: pessoas com deficiência, marginalizados, crianças de rua, os que trabalham, etc. É por isso que a instituição escola é muito importante para a prática de inclusão, pois é nesta que se forma o indivíduo e também é onde a criança até sua juventude passa a maior parte de seu tempo.

O objetivo da educação inclusiva é de reduzir os obstáculos que impedem o indivíduo com deficiência de desempenhar atividades e participar plenamente da sociedade (SANTOS; PAULINO, 2008).

A inclusão escolar, não trata somente à questão de acompanhar conteúdo e desempenhar atividades propostas e sim na promoção de uma relação social comum (ALVES; DUARTE, 2012).

Diz Chicon et. al. (2011, p. 198):

A escola não pode se tornar um lugar igual aos outros lugares da vida das crianças, pelo contrário, deve ser responsável por uma vivência escolar mais rica e inovadora. Deve contribuir para que as crianças adquiram essa base mínima de conhecimentos culturais e científicos sem a qual ficam afastadas de uma presença efetiva na sociedade do conhecimento (...).

Para acolhimento desse indivíduo, na escola, é necessária uma adaptação no método de ensino, na acessibilidade dos locais da escola e conhecimento por parte de todos da escola, o que envolve professores, colegas, direção, funcionários, etc (ALVES; DUARTE, 2011).

A escola é um local de inclusão, é o início para uma a inclusão social. Tanto no que refere aos alunos sem deficiência, ao conscientizá-los, bem como garantindo o desenvolvimento integral do aluno com deficiência. Para que haja inclusão escolar é necessário que o aluno usufrua de maneira efetiva e integral da vivência escolar. Então, deve haver uma aprendizagem e participação social (SANTOS E PAULINO, 2008).

4.3 Formação Profissional

O tema formação profissional de professores tem sido algo recorrente em pesquisas, debates e na literatura especializada.

Até recentemente apenas professores que possuíam interesse em educação especial eram que estudavam o tema inclusão. Porém, atualmente a questão deve ser estudada por todos, pois todo e qualquer professor pode se deparar com algum aluno com deficiência.

É de extrema importância a existência de programas de formação continuada a fim de haja professores hábeis para dar aula com ações pedagógicas eficazes e apropriadas para que haja uma evolução efetiva do aluno com deficiência (SANTOS; PAULINO, 2008).

A temática da inclusão e das diferenças no processo formativo dos professores existe há um tempo considerável na legislação brasileira. Mesmo assim, muitas das ações pedagógicas dos professores para uma finalidade de inclusão estão respaldada em um senso comum e de empirismo, diz Falkenbach et. al. (2007).

Muitos professores se justificam pelo fato de não possuir, na graduação, formação adequada para trabalhar com pessoas com deficiência. Deve ser levado em consideração que a graduação é um local que disponibiliza recursos e, cada situação irá demandar uma atitude e estratégia diferente.

Possivelmente, na graduação, não há como abarcar toda situação que pode ocorrer na escola. Mas com a necessidade de inclusão cada vez mais presente, é necessário que, nos cursos de licenciatura, haja uma abordagem no âmbito da inclusão e de práticas inclusivas.

Existem professores que se vitimizam no que se referem ao conhecimento sobre assunto e sobre a sua qualificação para trabalhar com crianças com deficiência. Ao mesmo tempo que este aspecto os fragiliza e os causa indignação, utilizam o fato de não ter qualificação como justificativa para não inclusão de alunos (FALKENBACH *et al.*, 2007).

Possuir conhecimento sobre as limitações de cada deficiência é muito importante, e a falta deste pode acarretar consequências na vida destes alunos. Block e Obrusnikova (2007) relatam que pode haver prejuízos motores causado por falta de adaptação feita pelo professor. Por isso a importância de o docente estar sempre atualizado e manter-se estudando para conhecer as deficiências e formas de adaptações de atividades.

Sobre Formação Profissional e Inclusão, Alves e Duarte (2014, p. 335) enfatizam:

O atendimento às necessidades do aluno com deficiência pressupõe formação profissional de qualidade, não apenas para os professores da disciplina, mas para todos os que trabalham na escola. Sentir-se incluído ultrapassa as barreiras da sala de aula, sendo necessário que o aluno tenha atendida e reconhecida suas necessidades em todo o ambiente escolar.

Santos e Paulino (2008, p. 42) dizem que:

O assessoramento ao professor de classes inclusivas é uma condição indispensável ao sucesso do trabalho, sendo necessário valer o que as Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação básica prevêem, desde sua formação de base até o acompanhamento do seu cotidiano.

Para Fiorini e Manzini (2016) a formação continuada do professor refere-se mais do que ofertar recursos e materiais didáticos aos professores, é preciso, também, que sejam abordados temas na teoria e prática, a fim de que eles aprendam a selecionar e adaptar recursos a partir das características e potencialidades dos alunos e quais variáveis podem ser manipuladas.

4.4 Inclusão na Educação Física: Barreiras e Facilitadores

Ao referir o termo inclusão na aula de educação física, trata-se de fazer com que o aluno com deficiência seja contemplado com os benefícios da aula de educação física.

Para Chicon et. al. (2011, p. 187):

Educação Física pode contribuir para que os alunos tenham experiências para além de seu cotidiano, que essa disciplina pode ser uma auxiliar no processo de inclusão, mas tem também um poder inverso, pode ajudar a manter o status quo.

A Educação Física é uma disciplina que historicamente, teve uma característica segregadora, pois permitia que só os alunos habilidosos, com porte físico chamado "atlético", conseguissem participar das aulas e fazer as atividades (FALKENBACH et. al., 2007).

Hoje em dia a Educação Física, como disciplina na escola já tem outro viés, esta que pode contribuir no processo de inclusão de crianças com deficiência. Visto que se trata de uma disciplina com menor rigidez na aplicação dos conteúdos, sendo assim, fácil a flexibilização desta. Os professores dessa área são vistos como profissionais que têm atitudes mais positivas. E, trata-se de uma disciplina que não necessita padrões e permite a ampla participação de todos (RODRIGUES, 2000).

Por outro lado, essas facilidades para a prática inclusiva na disciplina de Educação Física, pode, ao mesmo tempo, segregar os alunos, e promover a reprodução de atos de exclusão, como no estudo de Chicon et al (2011) o qual observou a participação de dois alunos com deficiência (Visual e Síndrome de Down) em suas aulas de educação física, e verificou que o professor, ao invés de promover a socialização dos alunos, fazia o inverso, deixando os alunos separados, cada um fazendo o que achava melhor fazer.

A Educação Física pode promover a inclusão, pois trabalha com a humanização das relações sociais, mas é necessário a intervenção do professor para que todos alunos se beneficiem do processo de aprendizagem (CHICON et al. 2011).

Ainda existem muitas crianças que são dispensadas da educação física em virtude de sua deficiência. O que muitos não sabem é que a não participação nas aulas de educação física pode acarretar efeitos negativos ao aluno como ausência de senso pertencimento ao grupo (ALVES; DUARTE, 2011).

É sabido, também, que a simples inserção do aluno na aula não garante que este usufrua dos benefícios da aula. Por isso, é importante que o aluno com deficiência, juntamente com seus colegas estejam constantemente relacionando-se e que isso seja sempre estimulado pelo professor.

Educação Física é uma disciplina que recebe alunos de diversos biotipos, com limitações e necessidades diferentes, não há sentido uma aula na qual somente alguns alunos consigam usufruir de seus benefícios e possibilidades. Em virtude disso, é muito importante apoiar-se ao fato que a educação física deve ter uma abordagem mais cooperativa e de convivência com a diversidade (AGUIAR; DUARTE, 2005).

As chamadas barreiras pessoais são um grande empecilho para a concretização do projeto de inclusão educacional (CARVALHO, 2005). Situações em que professores têm atitudes desfavoráveis revelam a falta de conscientização/preparo da sociedade de forma geral.

Leonardo, Bray e Rossato (2009) descrevem em seu estudo que a ausência de preparo/capacitação dos profissionais da educação, bem como de estratégias e metodologias de ensino adequadas a estes alunos é uma grande barreira acerca da inclusão escolar.

Uma das dificuldades mais citadas na literatura é a falta de formação ou de conhecimento. Muitos profissionais saem da graduação, despreparados para lidar com alunos com deficiência, mesmo tendo feito a disciplina de Educação Física Adaptada. Por isso a formação continuada é muito importante pois tem a função de auxiliar na minimização das dificuldades (FIORINI; MANZINI, 2016).

Algo que, pode ser considerado barreira ou facilitador, para a participação nas aulas de Educação Física é o tipo de deficiência que o aluno tem e o seu grau de comprometimento. Isso quer dizer que, há alunos que, devido ao grau severo de deficiência, deixa com que a inclusão seja difícil (ALVES; DUARTE, 2012).

Alguns estudos mostram que o tipo de deficiência e o conhecimento sobre estes, o perfil e as experiências prévias de cada professor e a empatia do professor que influenciam na hora de inserir o aluno com deficiência nas aulas de Educação Física (FIORINI; MANZINI, 2016).

Em estudo realizado por Toloi et al (2016) identificaram 7 temas referentes as dificuldades de professores de educação física para inclusão de alunos com deficiência: acesso ao diagnóstico, programação das aulas de Educação Física, barreiras arquitetônicas e administrativas, colaboração familiar, atuação de outros profissionais e formação de professores.

No estudo de Martins (2014), este concluiu que para haver uma inclusão efetiva é necessário investir em formação de professores, apoio multidisciplinar, em infraestrutura e na participação de toda comunidade escolar. O que permite enfatizar sobre os fatores existentes para inclusão de um aluno com deficiência. Um professor pode ajudar, porém sozinho não há como efetivar uma inclusão integral do aluno.

É importante que as diferenças entre alunos não sejam considerados obstáculos, e sim recursos que enriquecem as relações humanas (FONSECA; SANTOS, 2011). Para a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, Manzini (2010) destaca a necessidade de espaço físico adequado e acessível e suporte aos professores da equipe gestora da escola. O que, em muitas escolas, infelizmente, ainda não tem, dificultando assim a inclusão.

Uma barreira identificada no estudo de Fiorini e Manzini (2016) foi com relação aos chamados ajudantes naturais, ou seja, o colega ajudante. A presença desses alunos ao mesmo tempo que é considerada uma facilidade pode ser

considerada uma dificuldade, pois muitos colegas não sabem a melhor forma de auxiliá-lo.

Na teoria, professores, de uma forma geral, são a favor da inclusão de pessoas com deficiência em classes comuns, mas quando se referem à prática pedagógica os discursos mudam e as razões evocadas dizem respeito à falta de formação, falta de apoios dos diretores escolares, falta de trabalho da equipe com os docentes da Atendimento Educacional Especializado (AEE) e o número elevado de alunos por sala (FUCHS, 2010).

4.5 Estratégias Pedagógicas para inclusão nas aulas de Educação Física

Quando se fala em inclusão é necessário falar em estratégia. Em classes com alunos com deficiência, ou até mesmo sem deficiência, é indispensável a adaptação para que a todos consigam atingir seus objetivos.

A estratégia é uma ação do professor que, na maioria das vezes, faz uso de um recurso para alcançar o objetivo. Enquanto ação, a estratégia acontece no momento do ensino, porém, deve ser previamente planejada com base nas características dos alunos, no objetivo da atividade e no nível de complexidade (MANZINI, 2010).

Para Fiorini e Manzini (2016) a estratégia deve ser flexível, ou seja, é suscetível a mudanças, caso o professor considere alguma atividade não funcional para o seu aluno. Por isso é necessário, ao planejar, pensar em mais de uma estratégia para cada atividade.

A elaboração de uma estratégia é de extrema relevância para o dia-a-dia docente, pois, por mais que o professor tenha conhecimento sobre as deficiências, cada caso é um caso. No momento de traçar uma estratégia é o momento que o professor pensa o como irá ensinar, o que deve fazer, o que pode fazer, o que deve evitar, quais as possibilidades (FIORINI; MANZINI, 2016).

Ter uma estratégia pedagógica é muito importante para o enfrentamento de barreiras. A estratégia mostra a preparação e preocupação do professor para que haja a inclusão. Thomas e Loxley (2007) afirmam que não ter estratégias para uma

pedagogia inclusiva pode fazer com que os professores tornem-se dependentes da unidade de apoio para atendimento do aluno, não considerando a importância para que todos alunos sejam incluídos nas salas de aula do ensino regular.

Para Aguiar e Duarte (2005), a Educação Física escolar deve ter como eixo fundamental o aluno e, sendo assim, deve desenvolver as competências de todos os discentes e dar aos mesmos condições para que tenham acesso aos conteúdos que propõe, com participação plena, adotando para tanto, estratégias adequadas, evitando a exclusão ou alienação.

5 MATERIAIS E MÉTODOS

5.1 Modelo do estudo

Trata-se de um estudo de caráter descritivo com abordagem mista, visto que a presente pesquisa realizou a identificação, descrição e associação de variáveis, e, também foi realizado a interpretação dos fenômenos investigados (GAYA, 2016).

5.2 População e Amostra

Os participantes da presente pesquisa foram professores de Educação Física da Rede de Educação Pública (municipal, estadual e federal) e Privada de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

A seleção destes sujeitos se deu de forma intencional, a fim de propiciar a participação do maior número de indivíduos. Os critérios de inclusão foram: aceitar participar da pesquisa e já ter ministrado aulas em turmas que tenham alunos com deficiência.

A amostra foi composta por 52 professores de Educação Física de escolas públicas e privadas, de educação infantil, ensino fundamental e médio das cidades de Pelotas, Rio Grande, Canguçu, Arroio do Padre, Morro Redondo e Camaquã, sendo que, sete destes fizeram parte da amostra das entrevistas.

Em virtude da atual situação política do país, houveram algumas dificuldades na coleta de dados. Em meio às paralisações, devido aos cortes de verbas destinados à educação, bem como a falta de funcionários da limpeza nas escolas, ficou dificultoso encontrar os professores nas escolas para a realização da pesquisa.

5.3 Instrumentos para coleta de dados

Como instrumento de pesquisa foram utilizados um questionário de perguntas fechadas e uma entrevista estruturada.

O questionário foi elaborado pela pesquisadora com base na literatura estudada. O instrumento foi encaminhado para 3 especialistas (professores

universitários), os quais analisaram e apontaram sugestões para aprimoramento do instrumento.

Dentre as questões fechadas haviam dados pessoais e profissionais do professor, dados da escola, sobre deficiência dos alunos e, também, perguntas sobre barreiras e facilitadores para a inclusão (questionário em apêndice A).

Na entrevista foram feitas quatro perguntas (Roteiro de entrevista em apêndice B):

- 1) O que você considera inclusão nas aulas de Educação Física?
- 2) Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas
- 3) Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de Educação Física em turmas com alunos com deficiência?
- 4) Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de Educação Física em turmas com alunos com deficiência?

As entrevistas foram gravadas e transcritas para análise.

5.4 Procedimento para a Coleta de Dados

Inicialmente, para a coleta de dados, contatou-se com a Secretaria Municipal de Educação, a fim de solicitar autorização para ingressar nas escolas Municipais para distribuir os questionários para os professores (autorização em anexo A).

A pesquisadora entrou em contato diretamente com diversos professores, das redes pública e privada, na intenção de reunir mais professores respondentes.

Foi previamente agendado com o professor o horário e local para realização das entrevistas.

5.5 Coleta de Dados

Os questionários foram entregues para a direção/coordenação das escolas, que ficaram responsáveis pelo encaminhamento dos questionários para os professores de educação física.

Alguns questionários foram distribuídos para professores do programa de especialização em Educação Física da ESEF (UFPEL), outros foram entregues pessoalmente após contato da pesquisadora e, também encaminhados por e-mail.

Todos os questionários foram auto respondidos.

Para a realização das entrevistas, a pesquisadora entrou em contato telefônico com o professor para agendamento de horário e local. As entrevistas foram realizadas nas escolas, na ESEF - UFPEL e também, em alguns casos, na residência do professor.

Após ativar a gravação, era realizada a pergunta igualmente como estava no roteiro, e o entrevistado respondia informalmente conforme a sua opinião. A entrevistadora não interviu nas respostas. Após a finalização de uma resposta, logo era feita a próxima pergunta.

Posteriormente, os arquivos foram transcritos na íntegra, atribuindo-se a cada professor entrevistado um código (P1, P2, P3, etc.).

5.6 Análise de dados:

5.6.1 Dos Questionários:

Para análise de dados foram empregados recursos da estatística descritiva através da distribuição de frequência, médias e desvio padrão. Para verificar as diferenças de médias foi utilizado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e o teste t de Student para amostras independentes. Foi adotado um nível de significância para um $p < 0,05$.

Após o recolhimento dos questionários, os dados foram digitados no software Statistical Package for the Social Sciences 20.0 (SPSS).

Para efeito de análise, os facilitadores e barreiras foram classificados da seguinte maneira, onde **F** considerado facilitador e **B** considerado barreira. Na alternativa **às vezes/em parte** considerou-se **F** ou **B** de acordo com a tendência da resposta.

Tabela 1 – Classificação barreiras e facilitadores

	Sim	Não	Às vezes Em parte
Na graduação, você teve contato com pessoas com deficiência?	F	B	F
Na graduação, você fez a disciplina de Educação Física Adaptada ou equivalente?	F	B	F
Você costuma fazer cursos de capacitação/atualização para trabalhar com pessoas com deficiência?	F	B	F
Você busca se informar sobre os diferentes tipos de deficiência?	F	B	F
Você se sente inseguro ao ter em sua turma algum aluno com deficiência?	B	F	B
A escola te dá suporte para inclusão de aluno com deficiência em sua aula?	F	B	F
Seu(s) aluno(s) têm cuidador/monitor como ajudante?	F	B	F
Em caso positivo na questão anterior, este monitor/cuidador ajuda para a participação dos alunos nas aulas de Educação Física?	F	B	F
Os colegas ajudam na inclusão dos alunos?	F	B	F
A estrutura física da escola é adequada para inclusão de seu aluno nas aulas de educação física?	F	B	F
Os alunos com deficiência são dispensados das aulas de educação física?	B	F	B
Se o aluno (com deficiência) não quer participar da aula. Você o chama e o motiva para que participe?	F	B	B
Seu aluno com deficiência se mostra motivado em participar das aulas?	F	B	F
Os pais dificultam na participação do aluno com deficiência nas aulas de educação física?	B	F	B
Os pais oferecem informações relevantes sobre o aluno com deficiência?	F	B	F
Você tem conhecimento de LIBRAS? (Língua Brasileira de Sinais)	F	B	F
Os pais dos alunos sem deficiências interferem na participação do aluno com deficiência nas aulas de educação física?	B	F	B

5.6.2 Das Entrevistas

Com relação às entrevistas, optou-se por entrevistar 15% do total (N=07) da amostra, o qual após análise mostrou ser uma quantidade representativa da amostra, e que logisticamente ofereceu ao pesquisador as condições de realização do trabalho.

Para análise do conteúdo extraído das entrevistas foi realizada análise de conteúdo baseado na proposta de Laurence Bardin (2016), com objetivo de captar as principais ideias e categorizá-las.

Para a análise, o conteúdo das entrevistas passou três fases:

1) Pré-análise: foi realizada a transcrição do conteúdo das entrevistas, sem omitir nenhuma informação. Após isso, foi feita a leitura das entrevistas para organização e elaboração das categorias e formas de análise.

2) Exploração do material: sobre o a primeira questão, referente ao conceito de inclusão, reuniu-se as palavras idênticas, sinônimas ou próxima em nível semântico, após isto foi feito um quadro com a identificação numérica de cada professor (P1, P2, P3) juntamente a frase correspondente à palavra. Por conseguinte, sobre barreiras facilitadores e estratégias, estas foram extraídas da entrevista, listadas individualmente e agrupadas na sua semelhança.

3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: com os resultados, foram feitas descrições, inferências e interpretações relacionados ao objetivo do estudo. Esses resultados foram comparados com os encontrados através do questionário, na intenção de enriquecer a discussão, com dados qualitativos sobre o mesmo tema.

5.7 Procedimentos Éticos:

O projeto foi submetido pelo comitê de ética da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas - ESEF/UFPel. (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 07947619.7.0000.5313 em anexo B).

Após o esclarecimento dos objetivos da pesquisa, foi obtido o consentimento informado dos entrevistados para a realização do estudo e foi garantido o sigilo das informações quanto aos seus respondentes.

Foi esclarecido aos pesquisados que eles não seriam identificados no estudo. Os entrevistados souberam, desde o início que sua entrevista estava sendo gravada e foram informados como seriam identificados no estudo (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7).

O material transcrito foi encaminhado aos professores para autorização de uso e publicação no presente trabalho. Todos autorizaram seu conteúdo na íntegra.

6 RESULTADOS

6.1 Do Questionário

6.1.1 Caracterização da amostra

A maioria dos respondentes foram do sexo feminino (63,5%) com idades entre 22 a 57 anos. A faixa de idade predominante é a de 30 a 39 anos (n =17) seguida da faixa de 20 a 29 anos (n=16).

Sobre o ano de graduação, segue a tabela abaixo:

Tabela 2 – Período de graduação dos professores

Período	n	%
Anos 80	6	11,5
Anos 90	4	7,7
2000 – 2010	21	40,4
2011 – 2018	21	40,4
Total	52	100

Entre os pesquisados, 40 são graduados em universidade pública e 12 em universidade privada. No que se refere aos cursos de conclusão de graduação 46,2%

(n=24) são formados em licenciatura plena em EF, 50% em licenciatura EF (n= 26) e 3,8%(n=2) são graduados no curso de bacharelado em EF.

O tempo de docência dos professores variam de um a 33 anos. Como mostra a tabela abaixo:

Tabela 3 – Período de docência dos professores

Tempo (em anos)	n	%
1 a 5	23	44,2
6 a 10	9	17,3
11 a 20	10	19,2
+ de 20	10	19,2
Total	52	100

Sobre o tempo que possuem alunos com deficiência: 9,6% dos respondentes têm menos de um ano; 48,1% entre 1 e 5 anos; 19,2% entre 6 e 10 anos; 17,3% mais de 10 anos; e 5,8% não lembram.

A maioria da amostra 59,6% já realizou pós-graduação, enquanto que 21,2% nunca fizeram e 19,2% estão fazendo. Dos 31 professores pós-graduados, 17 fizeram especialização, 11 fizeram mestrado e 3 fizeram doutorado.

Em relação ao tipo de escola em que os professores atuam, a maioria é de escola pública (59,6%), enquanto que 17 (32,7%) atuam em escolas particulares. Há 4 professores que lecionam em rede pública e privada.

Referente à escola pública, 25 são professores da rede municipal, 2 da estadual, 5 da federal, e 3 dão aulas nas redes municipal e estadual.

Quanto à existência de sala de recursos na escola, 33 professores informaram possuir em suas escolas, ao passo que 19 não tem esse recurso em suas escolas.

6.1.2 Sobre os alunos com deficiência

Ao serem perguntados quantos alunos com deficiência eles estão atendendo este ano, a grande maioria respondeu ter entre 1 e 10 alunos (82,7%), enquanto 6 professores informaram ter mais de 10 alunos e 3 professores não estão atendendo alunos com deficiência este ano.

Entre este número de alunos, os tipos de deficiência dos alunos são: TEA (n=41), Síndromes (n=19), deficiência intelectual (n=32), deficiência física (n=13), deficiência visual (n=13) e deficiência auditiva (5).

Referente a conseguir realizar a inclusão, 51, dos 52 professores informaram que conseguem incluir seus alunos, enquanto que, 1 (um) informou que consegue em parte.

Ao serem questionados sobre qual deficiência eles consideram mais dificultosa para realizar a inclusão, a maioria (53,8%) informa considerar o Transtorno do Espectro Autismo como a deficiência mais difícil, seguida da deficiência visual (19,2%), deficiência física (13,5%), deficiência intelectual (11,5%) e por fim, deficiência auditiva (1,9%).

6.1.3 Barreiras e os Facilitadores

Mais da metade da amostra (55,8%) tiveram contato com pessoas com deficiências na graduação.

A maioria (69,2%) fez, em sua graduação, a disciplina de Educação Física Adaptada.

Sobre cursos de capacitação e atualização, 12 professores disseram não fazer. E, todos respondentes, buscam se informar sobre os diferentes tipos de deficiência.

Sobre o sentimento de insegurança, 8 professores responderam que se sentem inseguros ao ter em sua turma, algum aluno com deficiência, e 27 informam que às vezes se sentem inseguros.

Referente ao suporte da escola, somente 2 professores dizem não receberem apoio, os demais dizem receber, mesmo que em parte.

Relativo à presença de ajudante ou monitor nas aulas de educação física, somente 8 professores dizem não contar com essa ajuda, 21,2% dos respondentes informaram possuir esse recurso somente as vezes.

Dos 44 professores que informaram que seus alunos com deficiência contam com a presença de cuidador/monitor, 34 responderam que estes ajudam para que o aluno participe da aula de educação física.

A grande maioria respondeu que os colegas ajudam na inclusão de seus alunos com deficiência. Somente um professor afirmou que os colegas não ajudam.

A maior parte dos professores responderam positivamente quanto à adequação da estrutura física da escola para inclusão.

Nenhum professor respondeu que seus alunos com deficiência são dispensados das aulas de educação física, somente 6 informaram que às vezes essa situação pode acontecer.

Em caso de desmotivação por parte do aluno com deficiência, mais de 90% dos pesquisados informaram que costumam chamar e motivar o aluno para participar da atividade.

Com relação aos pais, 80,8% dos professores dizem que estes não prejudicam na inclusão de seus filhos nas aulas de educação física. Apenas 8 respondentes, informaram que os pais não dão informações relevantes sobre a deficiência.

A respeito da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), 46,2% disseram não ter conhecimento desta.

Sobre os pais dos alunos sem deficiência, a grande maioria (94,3) informou que estes não interferem na participação do aluno com deficiência nas aulas de educação física.

A Tabela 4 demonstra todos os resultados obtidos.

Tabela 4 – Barreiras e Facilitadores para inclusão nas aulas de Educação Física

	N	Sim	%	Não	%	Às vezes/em parte	%
Na graduação, você teve contato com pessoas com deficiência?	52	29	55,8	17	30,8	7	13,5
Na graduação, você fez a disciplina de Educação Física Adaptada ou equivalente?	52	36	69,2	16	30,8	0	0
Você costuma fazer cursos de capacitação/atualização para trabalhar com pessoas com deficiência?	52	22	42,3	12	23,1	18	34,6
Você busca se informar sobre os diferentes tipos de deficiência?	52	37	71,2	0	0	15	28,8
Você se sente inseguro ao ter em sua turma algum aluno com deficiência?	52	8	15,4	17	32,7	27	51,9
A escola te dá suporte para inclusão de aluno com deficiência em sua aula?	52	32	61,5	2	5,8	17	32,7
Seu(s) aluno(s) têm cuidador/monitor como ajudante?	52	33	63,5	8	15,4	11	21,2
Em caso positivo na questão anterior, este monitor/cuidador ajuda para a participação dos alunos nas aulas de Educação Física?	44	23	52,2	10	22,8	11	25
Os colegas ajudam na inclusão dos alunos?	52	41	78,8	1	1,9	10	19,2
A estrutura física da escola é adequada para inclusão de seu aluno nas aulas de educação física?	52	32	61,5	5	9,6	15	28,8
Os alunos com deficiência são dispensados das aulas de educação física?	52	0	0	46	46	6	11,5
Se o aluno (com deficiência) não quer participar da aula. Você o chama e o motiva para que participe?	52	46	88,5	1	1,9	5	9,6
Seu aluno com deficiência se mostra motivado em participar das aulas?	52	32	61,5	0	0	20	38,5
Os pais dificultam na participação do aluno com deficiência nas aulas de educação física?	52	2	3,8	42	80,8	8	15,4
Os pais oferecem informações relevantes sobre o aluno com deficiência?	52	21	40,4	8	15,4	23	44,2
Você tem conhecimento de LIBRAS? (Língua Brasileira de Sinais)	52	9	17,3	24	46,2	19	36,5
Os pais dos alunos sem deficiências interferem na participação do aluno com deficiência nas aulas de educação física?	52	1	1,9	48	94,3	3	5,8

A média de facilitadores é 10,7 (dp 1,4) e a média de barreiras é de 3,0 (dp 1,8).

Ao verificar a relação entre os facilitadores e o perfil dos professores, observou-se um resultado significativo com o fato do professor ter realizado uma pós-graduação ($p=0,018$), ou seja, os que continuaram os estudos percebem mais facilitadores para inclusão nas aulas de educação física. Além disso, quando foi verificado os níveis de especialização observou-se que quanto mais graduado é o professor, mais facilitadores eles percebem ($p=0,020$).

Em relação à análise realizada com as barreiras, observou-se um resultado significativo entre as variáveis faixa etária ($p=0,047$) e tempo de docência ($p=0,022$), ou seja, os professores mais velhos e com maior tempo de docência percebem mais barreiras para inclusão.

6.2 Das Entrevistas

6.2.1 Caracterização da amostra

A amostra foi composta por 07 professores de educação física de escolas públicas e privadas dos níveis da Educação Básica (educação infantil, ensino fundamental e médio) das cidades de Pelotas ($n=6$) e Rio Grande ($n=1$).

Há um predomínio de professores do sexo feminino ($n=5$). Quanto ao tipo de escola, 2 (dois) são professores de Escola Particular, 3 (três) trabalham em escola pública e 2 (dois) lecionam em ambas, pública e privada. Dos 5 (cinco) professores de escola pública, 4 (quatro) ministram aulas na rede municipal e 1 (um) em municipal e estadual.

Referente ao nível de ensino, 2 (dois) são professores da educação infantil, 5 (cinco) são do ensino fundamental (anos iniciais), 3 (três) são do ensino fundamental (anos finais) e 1 (um) é de Ensino Médio. Vale destacar que 4 professores dão aula para mais de um nível.

6.2.2 Resultados referente às entrevistas

6.2.1.1 O que você considera inclusão nas aulas de educação física?

A palavra em comum em todas as respostas diz respeito à participação, como consta na tabela abaixo:

Tabela 5 – Tabela de frases (participação)

Professor	Trechos da entrevista
P1	“ele estar participando da aula”
P2	“que todas as crianças possam participar”
P3	“participação de todos”
P4	“proporcionar aos alunos que todos participem das aulas”
P5	“que eles consigam participar como todos os outros colegas”
P6	“eles terem chance de participar de toda aula”
P7	“que todos alunos da turma participem da aula”

Todos mencionam sobre a participação em aula, entretanto não são todos que se referem ao mesmo sujeito. Como indica a figura abaixo.

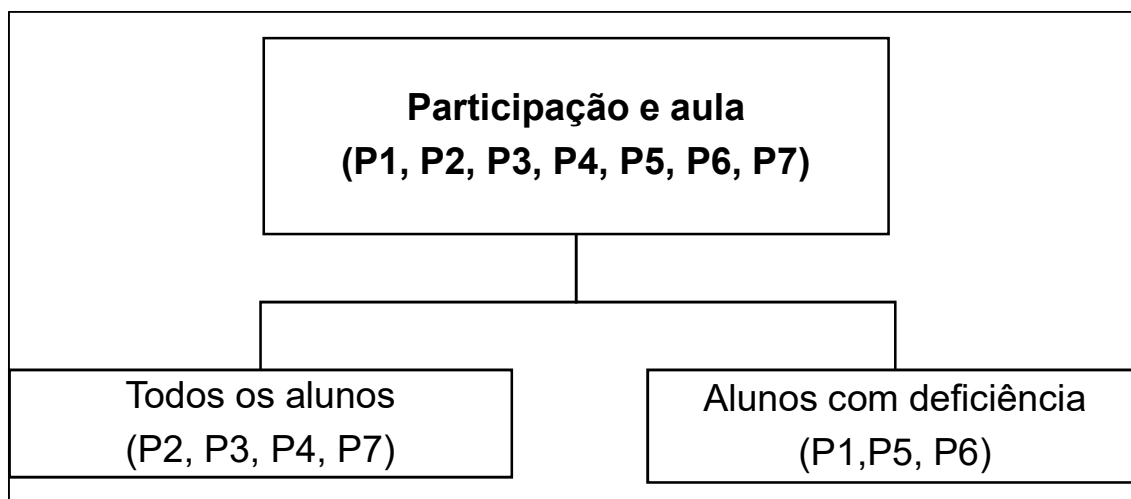


Figura 1 – Organograma sobre conceitos de inclusão

Do mesmo modo, 4 (quatro) professores (P1 P3, P4, P6) acrescentam em sua fala sobre o aluno estar aproveitando/usufruindo a aula, seja exercitando-se, praticando, aprendendo ou se relacionando. Como consta nas expressões da tabela abaixo:

Tabela 6 – Tabela de frase (prática, aprendizagem e relacionamento)

Professor	Trechos da entrevista
P1	“mas que ele tivesse exercitando”
P3	“mexa com a aprendizagem do aluno” “tenha uma boa relação entre todos”
P4	“praticar alguma coisa, qualquer atividade física”
P6	“conseguindo interagir” “tendo possibilidade de praticarem aquilo proposto”

6.2.1.2 Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas

Com as informações fornecidas foram listadas 8 (oito) estratégias utilizadas pelos professores:

1) Ajudar/Fazer junto com o aluno;

Sobre o assunto P1 relata: *“Eu ofereço a minha ajuda né. Muitas vezes ele faz as coisas comigo, ele faz de mão comigo (...) fico do lado dele todo o tempo pra ele não dispersar”*.

Já P5 diz: *“tento estar sempre ajudando”*.

Sobre ajudar o aluno, diz P7, que se mantém ao lado do aluno oferecendo, incentivando e oferecendo ajuda.

2) Pedir ajuda para colegas;

Sobre a ajuda dos colegas P1 diz que *“Às vezes os próprios colegas também já vão ajudando”*.

O P4 também utiliza da ajuda dos colegas como estratégia de inclusão, sobre isso o professor disse que *“utilizar também a estratégia de um colega ajudar o outro”*.

P5 aduz: *“sempre tento que os colegas ajudem ele. Tem alguns colegas que são mais dispostos, assim, a ajudar e gostam de ajudar então eles me ajudam também nessa inclusão”*.

Outro professor (P6) comenta que uma estratégia utilizada para um aluno é a de colocar uma colega para realizar as atividades com ele. Sobre isso ele diz que: *“Então, eu consigo incluir ele se ele se aproximar de uma menininha que ele tem como referência que é colega dele, que ele se sente seguro.”*

3) Elaboração de atividades atrativas e uso de material atrativo;

Sobre esta estratégia, P2 informou que *“A gente vai usar desta forma aulas atrativas, material legal, colorido, tudo que tiver no alcance da unidade escolar né”*.

4) Criação de materiais;

O P2, refere-se à criação de materiais como estratégia: *“A gente pode criar jogos, pode fazer com que a criança se interesse em criar junto esses jogos”*.

P4 relata: *“a gente construir com os alunos o material que a gente precisa que a gente possa utilizar pra incluir os alunos”*.

5) Adaptação/Modificação de atividades;

Sobre este aspecto, P3 diz que *“A principal forma é adaptação das atividades, modificar atividades, para que o aluno possa fazê-la”*.

O P4 indicou como ele modifica as atividades, segundo o professor: *“mudança nas regras pra permitir que os alunos possam ser incluídos, mudança no espaço, é, uma diminuição do espaço ou aumentar o espaço”*;

Sobre adaptação de atividades P5 relata que *“eu tento adaptar as atividades pra o que eles conseguem fazer”*.

Para adaptação das atividades da aula, diz P6 que *“a tentativa de sempre variar a questão das propostas, né, com relação à altura, quando é acertar o alvo, tem alvos médios, baixos, altos, e tentando fazer com que os comandos sejam repetidos para aqueles alunos que tem uma maior dificuldade”*.

Houve professor (P7) que comentou adaptar as atividades, entretanto existem casos que não é necessário fazer tal adaptação. P7 diz que “Geralmente eu tento adaptar as atividades pra que fique, pra que aquele aluno consiga participar”

6) Demonstração de exercícios;

P3 demonstra os exercícios como forma de estratégia: *“e além de explicar, se o aluno precisar que eu faça o exercício pra entender melhor”*.

7) Explicação individual;

O professor (P6) informa utilizar como estratégia, após a explicação para o grupo, explicar de forma mais detalhada para o aluno (*“Eu vou individualmente naquela criança e transmito novamente o comando”*).

8) Manter o aluno no espaço da Educação Física.

Mesmo com aluno com grau de TEA mais severo, o qual o professor diz que é muito difícil incluí-lo nas atividades, ele o mantém no espaço da educação física em meio aos colegas que estão fazendo as atividades. Sobre isso P7 diz que *“Eu mantenho ele ali. Eu não peço pra tirarem ele da aula, eu deixo ele ali, pra, pelo menos, ele se adaptar com o ambiente né, e com os colegas. Então as vezes, ele olhando os colegas fazendo, ele faz alguma coisa, ele repete alguma coisinha, mas é, são coisas mínimas.”*

9) Dar Feedback ao aluno;

P5 relata como estratégia dar feedback ao aluno (*“sempre dando um feedback”*).

No gráfico abaixo, o eixo X representa a lista de estratégias citadas pelos professores, e o eixo Y se refere ao número de professores que utilizam a mesma estratégia.

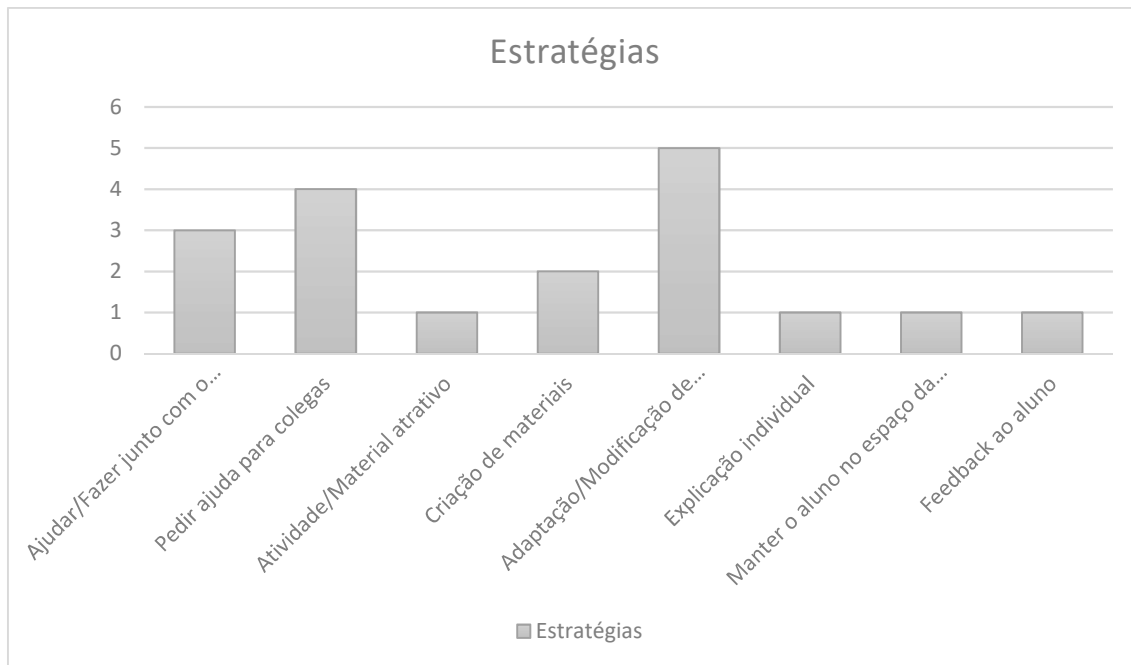


Figura 2 – Gráfico sobre as estratégias

Portanto, as estratégias mais citadas foram: Pedir ajuda para os colegas e Adaptação e modificação das atividades.

6.2.1.3 Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos com deficiência?

Conforme as respostas dos professores, as barreiras enfrentadas por eles para inclusão de seu aluno com deficiência nas suas aulas são:

- a) Mudança e adaptação no planejamento para atingir os objetivos da aula;

Um dos professores (P1) relata: *“eu tenho dificuldade, às vezes, de planejar coisas que ele vá conseguir participar uma aula inteira”*.

Outro professor (P3) diz que *“As principais dificuldades são, fazer com que as atividades que eu penso para atingir os objetivos do conteúdo do trimestre, o aluno possa fazê-lo (...)”*

Já P5 contou que *“eu sinto bastante dificuldade em fazer um planejamento e uma avaliação dessa criança”*.

Por fim, P7 conta que *“Pra planejar (...) os fatores que eu acho que são difíceis é pensar como a gente vai adaptar aquela atividade para aquele aluno”*.

b) Limitações do aluno;

Um dos professores (P1) coloca como dificuldade a limitação do aluno, este expõe que *“Essa dificuldade que eu percebo, mas não é com a escola, é com as próprias limitações deles”*.

c) Falta de acompanhamento (monitor, cuidador, ajudante);

A falta de acompanhamento diz respeito a ter alguém para ajudar o aluno durante a aula, tanto na participação e na prática, quanto nas necessidades do aluno.

O P7 conta que há alunos com professor auxiliar na sala de aula, porém na aula de Educação Física, este não fica presente, e diz que *“é o fato de muitas vezes tu não ter gente que te ajude, né, tu sozinha com os alunos no pátio né, quando é na sala de aula, tem um professor que vai lá e que tá sempre junto e senta do lado do aluno, um professor auxiliar, isso não acontece na aula de educação física, eu não tenho um professor que vá lá e fique com o aluno na rua comigo né então, isso já dificulta”*.

Outro professor (P2) enfatiza a importância na existência de assessoria para que este fique responsável pelo chamamento do aluno em caso de dispersão, mantendo-o em atividade e, também, que atenda o aluno em suas necessidades, pois o professor tem que dar aula e atenção a todos da turma.

d) Estrutura da escola;

É relatado pelo professor (P3) que *“Também uma coisa que afeta é a estrutura, dependendo da escola, espaço que tem (...)”*

e) Falta de material/Falta de material adequado;

Dois professores (P3 e P4) se reportam à falta de material. A respeito disso, diz P4 que *“Outra dificuldade é, às vezes, o material especial que a gente não tem (...) e a gente precisa botar a mão na massa (...) e fazer, trabalhar com os alunos e desenvolver o material”*.

f) Falta de apoio da escola;

O P5 expõe que um dificultador para inclusão de alunos em sua aula é a falta de orientação por parte da escola. Mesmo a escola tendo sala de recursos, não há comunicação entre a professora e a equipe da sala.

g) Falta de Aceitação/Colaboração dos colegas;

A falta aceitação e colaboração dos alunos da turma é considerado um dificultador para inclusão, essa falta de compreensão pode ser manifesta de várias maneiras. O P2 menciona que *“Outro fator é, talvez, as outras crianças compreenderem aquela diferença, aceitarem aquela diferença e ajudarem a trabalhar”*.

Já o P4 comenta que os alunos, de forma geral, gostam de ser desafiados, e, em virtude da adaptação das atividades, para que todos possam realizar, desmotivando os alunos. Sobre isso, o professor diz *“fazer alguma adaptação assim (...) às vezes acaba que os próprios alunos sem deficiência acabam excluindo”*.

Sobre o assunto, o P6 reporta que *“Então eu acredito que assim, a minha maior dificuldade é dar a devida atenção que eles merecem enquanto que os outros, sem deficiência, chamam a atenção de uma maneira que não precisariam né. Sejam por falta de limites e tudo mais”*.

h) Turmas numerosas;

Turmas com um grande número de alunos pode prejudicar no processo de inclusão nas aulas, como diz o P6: *“Então, a minha maior dificuldade é como lidar com as turmas grandes né, enfim, e pra que eu consiga dar atenção para aqueles alunos com deficiência precisam ao mesmo tempo que os outros né, chamam demais a atenção”*.

i) Falta de conhecimento (informações) sobre as deficiências;

O P6 relata que *“Então a dificuldade em si é essa, né, com relação aos alunos com deficiência, conhecer um pouco das características de cada deficiência né”*.

j) Falta de informações por parte dos familiares e outros profissionais;

Aliado ao que foi exposto anteriormente, P6 relata que não receber informações de familiares pode prejudicar o trabalho de inclusão do aluno com deficiência. E, inclui também ausência de informações por parte do monitor (que passa mais tempo com o aluno). Sobre isso, P6 diz que *“Então a dificuldade em si é essa (..) com relação a (...) alguns feedbacks das famílias e até com monitor que a gente tem presente pra saber né, como lidar com devidas situações”*.

6.2.1.4 Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos com deficiência?

De acordo com as respostas dos professores, foi possível elencar 9 (nove) facilitadores para inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física:

a) Material;

Os professores afirmam que, a disponibilidade de material na escola é um facilitador para inclusão.

P1 diz que *“Tu ter material suficiente, tanto pra fazer diversas brincadeiras quanto para cada um ter o número ‘x’ de material necessário pra aula. Eu acho que faz muita diferença”*.

P2 menciona: *“muitas vezes o material também ajuda, atrai né”*, porém enfatiza que os recursos humanos são fundamentais para ajudar na inclusão.

b) Monitor/Ajudante;

A presença de monitor ou ajudante é o fator mais citado pelos professores. Como mostra a tabela abaixo:

Tabela 7 – Tabelas de frases dos professores, referente a presença de monitor/ajudante.

Professor	Trecho da entrevista
P1	“O material e a monitora são essenciais assim, eu acho que me ajuda bastante.”
P3	“se o aluno tiver que ter um monitor, facilita em alguns momentos”
P6	“a presença do monitor te dá uma segurança, pra administrar ali o momento da aula”
P7	“Tu ter outras pessoas pra te auxiliar, pra te ajudar. Isso favorece muito, né, e aí fica bem mais fácil de tu pensar”

c) Atendimento/Terapias extraescolar;

O fato de o aluno com deficiência receber atendimento e terapias além da escola, ajuda na inclusão deste nas aulas de educação física, como podemos observar na fala de P1 *“A maioria dos meus alunos de lá fazem terapias fora e isso ajuda muito”*.

d) Estrutura da escola;

Os professores P2 e P3, falam de boa estrutura da escola, mas não de

forma específica.

Segue respectivamente a fala de P2 E P3: *“O que facilita é (...) quando a gente tem uma estrutura boa”*; *“O que ajuda também é a estrutura da escola”*.

e) Ajuda dos colegas;

A atitude de colegas pode ajudar o aluno a estar incluso nas aulas de Educação Física. Para P2, os recursos humanos são a parte mais importante para inclusão do aluno, e diz que os colegas podem ajudar no despertar do interesse daquela outra criança pela aula.

Para P3, o acolhimento e colaboração dos colegas, auxilia o professor a incluir alunos com deficiência em suas aulas.

Já o P4 diz que *“O que me facilita bastante nas turmas que eu tenho, com alunos com deficiência, é que eu posso contar com os outros colegas, eu posso contar com os colegas pra ajudar eles a desenvolverem a atividade, pra incentivar eles a desenvolverem a atividade”*.

f) Conhecimento prévio sobre as deficiências;

Para os professores P3 e P6, estudar para ter conhecimento sobre as deficiências facilita a inclusão de alunos com deficiência nas suas aulas.

g) Acompanhamento do aluno;

Acompanhamento do aluno refere-se à continuidade do trabalho com o aluno ao longo dos anos. Para P5: *“Tem alunos com deficiência que eu sou professora há uns 2, 3 anos (...) conheço aluno há mais tempo e já sei o que eu consigo fazer com ele, o que eu não consigo, o que ele vai ter uma boa resposta, o que não vai e eu já consigo avaliar ele melhor”*.

h) Apoio/Auxílio da escolar;

Sobre este tema, P5 diz que o que pode facilitar na inclusão nas suas aulas é *“tentar contar com a ajuda da coordenação da escola”*.

i) Informação prévia sobre o aluno;

Neste tópico, o professor (P6) não se referiu a conhecimento sobre a deficiência, e sim sobre buscar informações dos alunos com os professores das outras disciplinas, com o monitor que o acompanha, familiares, antigos pareceres, etc. Esta ação, segundo P6, *“auxilia pra se pensar né, em como atender de melhor maneira possível”*.

O gráfico abaixo mostra de forma resumida o número de barreiras e facilitadores citados por cada professor:

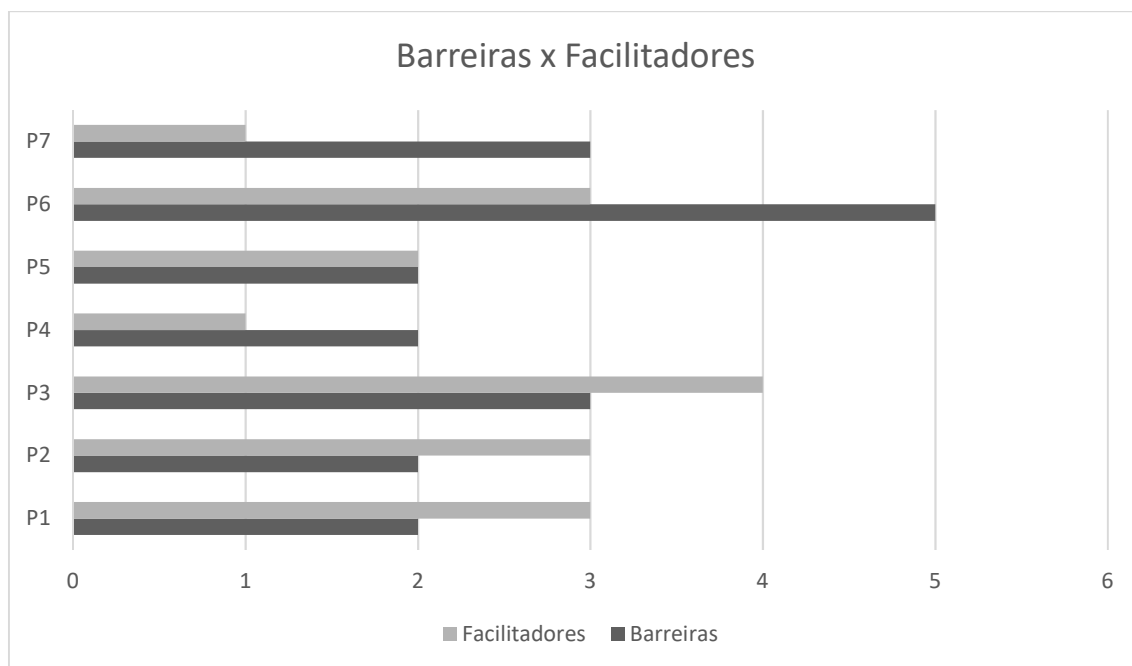


Figura 3 – Gráfico de número de barreiras e facilitadores por professor

Com isso, pode-se observar que a barreira mais citada (n=4) foi intitulada “Mudança e adaptação no planejamento para atingir os objetivos da aula” e os facilitadores mais referidos foram: “Monitor/Ajudante” e “Ajuda dos colegas”

7 DISCUSSÃO

Sobre a graduação, pode-se observar que existem, dentro da escola, professores formados no curso de bacharelado. Vale lembrar que a partir do ano de 2005, os cursos de Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Educação Física passaram a representar graduações distintas com processo de ingresso, projetos pedagógicos e diplomas específicos para cada curso (CONFEEF, 2012).

No contexto da nova regulamentação, o licenciado em Educação Física está habilitado a atuar com a docência na componente curricular Educação Física, ofertada na Educação Básica. Já o bacharel em Educação Física está habilitado a atuar nas atividades físicas e/ou desportivas que não estejam vinculadas à componente curricular Educação Física, ofertada na Educação Básica (CONFEEF, 2012).

Então, estes professores não têm formação necessária para atuar em escola, pois em seus cursos não têm disciplinas da área pedagógicas, nem estágio curricular em instituição de ensino.

Quase a totalidade dos professores respondentes dizem conseguir incluir seus alunos, porém a percepção de inclusão pode mudar de pessoa para pessoa, assim como foi observado nos resultados da entrevista. Em virtude dessas diferentes percepções sobre inclusão pode ocorrer de o professor pensar que está incluindo, mesmo não estando.

Um dado a ser considerado é que mais da metade dos professores consideram o Transtorno do Espectro Autismo o tipo de deficiência mais difícil de realizar a inclusão.

Rodrigues e Ferreira (2017) verificaram em sua pesquisa, realizada com professores, um nível baixo de aceitação por parte dos professores em relação a alunos com TEA e estes manifestaram-se ser essencial a presença de apoio para trabalhar com estes alunos

Estudos como de HODGE et al. (apud GREGUOL et.al., 2018) observaram que, casos mais graves de autismo tendem a ser encarados de forma mais negativa pelo professor.

Este resultado pode se dar pelo desconhecimento sobre o transtorno ou até mesmo por conhecer somente uma das diversas faces do espectro. Diversos resultados de estudos sobre TEA demonstram que os professores apresentam ideias distorcidas sobre o transtorno, principalmente quanto à (in) capacidade de comunicação. Essa forma de pensar pode influenciar nas práticas pedagógicas e nas expectativas acerca da inclusão desses alunos. As dificuldades dos professores, de um modo geral, se apresentam na forma de ansiedade e conflito ao lidar com o “diferente” (CAMARGO E BOSA, 2009).

A base para o desenvolvimento de qualquer criança é a oportunidade de interação com os seus pares. A inclusão escolar pode promover às crianças com TEA possibilidades de convivência com outras crianças da mesma idade, possibilitando o estímulo de suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo (FILHO; LOWENTHAL, 2013)

Levando em consideração o conceito de inclusão escolar em sentido amplo, todos os entrevistados mencionaram sobre participação do aluno em aula. A inclusão implica práticas escolares que favoreçam relações significativas dentro da perspectiva de aprendizagem colaborativa capazes de remover as barreiras ao acesso e à participação dessas pessoas na aprendizagem e na sociedade (SANTOS; SOUZA; ALVES; GONZAGA, 2002).

A inclusão na Educação Física também se refere ao aluno com deficiência, mas também abrange todas as pessoas, independente de cor, classe social, condição física e psicológica, etc.

É importante frisar que para a existência de uma efetiva inclusão, todas as necessidades dos alunos devem ser satisfeitas. Então, o aluno deve, além de estar participando, estar usufruindo dos benefícios que a educação física proporciona (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

Atualmente, é relevante discutir acerca do objetivo da Educação Física escolar, pois este deve considerar as questões sociais, políticas e afetivas, tendo em vista que os alunos são sujeitos sociais e cidadãos. O professor deve lidar com as diferenças de cada aluno, e tentar fazer com que todos façam parte da aula, abrangendo, além dos alunos com deficiência, os alunos que não gostam da disciplina, alunos que tem problemas familiares, alunos em situações de vulnerabilidade, entre outras tantas diferenças existentes entre as pessoas de forma geral (SANTOS; PAULINO, 2008).

Acredita-se que a concepção do conceito de inclusão de forma diferenciada por parte dos professores pode influenciar na prática pedagógica e inclusiva.

Os resultados mostraram que os professores de um modo geral se revelam otimistas com relação à inclusão de alunos com deficiência em suas aulas, assim como diversos outros estudos (GREGUOL et. al., 2018).

Ao mesmo tempo que os professores consideram como um fator dificultador a elaboração de um planejamento para turmas com alunos com deficiência, foi citado, pela maioria dos professores, a adaptação das atividades como estratégia de inclusão.

Sobre esta dificuldade, diz GREGUOL et. al. (2018) que muitos professores ainda estão cercados de questionamentos diante do desafio de planejar atividades e saberes que possam contemplar estudantes com diferentes possibilidades e condições específicas.

Em turmas com ou sem alunos com deficiência o planejamento de aula pode não sair como esperado e o ato de adaptar é algo comum na área da Educação Física. Determinadas atividades funcionam com algumas turmas, e com outras turmas podem não funcionar, alguns alunos podem conseguir realizar facilmente a tarefa, e outros podem não saber como fazer.

Diante disso, a adaptação, o olhar para cada aluno são importantes, para que todos possam aprender algo fazendo a mesma tarefa.

No estudo de Fiorini e Manzini (2015), o qual entrevistou professores de Educação Física, sobre a concepção estratégia, os professores entrevistados manifestaram que, quando há um aluno com deficiência nas aulas de Educação Física, o professor não precisa mudar o conteúdo, mas, necessita de estratégias de ensino para transmitir este conteúdo.

O que vem a colaborar com o anteriormente exposto, o conteúdo pode ser o mesmo, a abordagem pode se dar de forma diferente, pois cada aluno tem seu tempo e sua maneira de aprender.

Ser criativo deve fazer parte do perfil do professor. Em um estudo comparativo do professor de educação física com o do treinador concluiu-se que o perfil de um bom professor, é aquele que tem qualidades tais como: compreensão e valorização dos alunos e, como tal, deve utilizar estratégias criativas, lúdicas e eficazes de forma a criar um clima agradável e de trabalho na sala de aula (GONÇALVES et. tal., 2017).

Enfatiza-se a pequena expressividade no quesito “limitação do aluno” como um possível dificultador, visto que foi mencionado somente por um professor, e não é algo comentado com frequência na literatura. Fávero, Panjota e Mantoan (2004), em seu manual sobre educação inclusiva, dizem que “As dificuldades, deficiências e limitações de cada discente devem ser reconhecidas, porém, não devem conduzir ou restringir o processo de ensino.”

Todos alunos possuem suas individuais limitações, o que não pode ser justificado para não inclusão destes nas aulas.

A presença de um monitor (assistente) nas aulas de Educação Física é uma situação bem comentada pelos professores. Muitos relatam precisar dessa ajuda para que coloque em prática a inclusão. Mesmo com a presença de um monitor é importante que este estimule a prática do aluno, além de assessorá-lo em suas necessidades.

O ideal seria a presença de um monitor ajudante em todas aulas de Educação Física, pois todos os alunos têm necessidades, que em alguns momentos, o professor não tem condições de atender. O professor, assessorado, tem mais possibilidade de incluir todos em sua aula

Diversos estudos verificaram a valorização do assistente por parte dos professores, pois se sentem mais confiantes em seu trabalho com alunos com deficiência se houver um assistente durante a aula (FIORINI; MANZINI, 2015).

Na pesquisa de Caiado et. al (2009), realizada com 102 professores das séries iniciais e do Ensino Fundamental, a qual tinha como objetivo fazer uma reflexão sobre a formação de professores e práticas pedagógicas para o ensino inclusivo, no quesito condições de trabalho os professores afirmaram a necessidade da presença de mais um adulto na sala (professor assistente, professor ajudante, professor especializado, monitor ou estagiário).

Em virtude de lei (Lei n.º 9394/96 – LDB), é obrigatória a presença de cuidadores na escola. Entre os vários exemplos de atribuições, consta o “ato de auxiliar os professores no desenvolvimento de atividades com alunos com deficiência”. Então, a presença de um cuidador torna-se essencial para garantir a inclusão e a aprendizagem de alguns alunos (BRASIL, 1996).

A estrutura da escola pode ser tanto uma barreira como um facilitador para inclusão de alunos. Uma escola bem estruturada tanto arquitetonicamente, quanto pedagogicamente pode auxiliar o aluno a se sentir pertencente daquele espaço, com iguais condições na exploração dos espaços e materiais da escola.

Adaptações arquitetônicas como rampas, banheiros adaptados, acesso às quadras, adaptação de mobiliário, sinalização sensorial, são exemplos de uma melhor estrutura para inclusão de alunos com deficiência (CAIADO et. al., 2009).

Já para Gorgatti e Júnior (2009) a estrutura da escola trata-se mais do que questão arquitetônica, e sim também quanto à equipe multiprofissional de apoio, material didático adequado e incentivo à capacitação dos profissionais que atuam na escola.

A maioria de professores entrevistados do estudo acima mencionado destacaram que suas escolas não estavam preparadas para receber alunos com deficiência, quer pela falta de adaptação estrutural, quanto pela falta de apoio material e de equipe multiprofissional (GORGATTI; JUNIOR, 2009).

A disposição de material didático adequado pode colaborar para inclusão de alunos, ao passo que a carência deste é capaz de dificultar esse processo.

No estudo de Aguiar e Duarte (2005), o qual questionou professores quais eram os requisitos necessários para um professor de Educação Física poder incluir um aluno com deficiência em suas aulas, a grande maioria dos respondentes citaram a necessidade de “Material didático adequado”.

O apoio da equipe escolar trata-se do apoio técnico pedagógico especializado, ou também da comunicação e o trabalho conjunto dos profissionais da sala de recursos, da direção e coordenação com o professor de Educação Física.

O trabalho conjunto e a troca de saberes é algo indispensável para inclusão, ou seja, pessoas unidas pelo mesmo objetivo, tornam-no mais tangível. O sucesso da inclusão de pessoas com deficiência no ensino regular e de uma sociedade inclusiva depende muito de ações conjuntas (AGUIAR E DUARTE, 2005).

No trabalho de Greguol et. al. (2018) o qual teve como objetivo analisar a atitude de professores de Educação Física em relação à inclusão, mostrou que os fatores em que os professores são menos otimistas são no que se refere ao “Apoio recebido”, item que abrange o apoio escolar, a presença e equipe multidisciplinar de apoio de recursos materiais. Situações como essas são citadas como barreiras pelos entrevistados do presente estudo.

A rede de apoio é muito significativa para inclusão de uma forma geral e nas aulas de Educação Física. Em alguns casos, o aluno é incluído naturalmente nas aulas e atividades, porém, em casos que isso não ocorre, é necessário que o professor tome uma atitude, esta que pode ser a busca de apoio da escola, mas se o professor não puder contar com este apoio, as possibilidades de inclusão ficam mais escassas. Por isso é importante saber se existem outras ações, que não relacionadas à rede de apoio, para ajudar na inclusão nas aulas de Educação Física.

Um dado importante extraído da presente pesquisa é a falta de colaboração dos colegas como um obstáculo para inclusão. Assim, como uma barreira, enfatiza-se a atuação dos outros alunos tanto como estratégia de inclusão e como um fator facilitador.

A falta de colaboração por parte dos colegas pode se dar em virtude da natureza competitiva da disciplina de Educação Física. Aguiar e Duarte (2005) colocam que “Essa cultura competitiva constitui uma fonte de exclusão e pode se consistir numa barreira à educação inclusiva”.

Há estudos que referem os ajudantes naturais (colegas) como situação de sucesso para inclusão, mas enfatizam que esta ajuda deve se dar de forma espontânea e voluntária (FIORINI; MANZINI, 2016).

O trabalho de inclusão não pode ser feito somente pelo professor, os colegas podem ser peças chaves para que o aluno esteja participando e aproveitando as aulas de Educação Física. Então, é necessário que, além do professor, os colegas ofereçam oportunidades de inclusão (NACIF et. at., 2016).

Em estudo realizado por Aguiar e Duarte (2005), o qual discutiu assuntos sobre inclusão com professores de Educação Física, identificaram com as respostas a participação de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física pode propiciar aos demais alunos o desenvolvimento de atitudes inclusivas, que dizem respeito à manifestação da solidariedade, companheirismo, responsabilidade, cooperação e respeito ao outro. Destacam ainda que são estes os objetivos da disciplina de Educação Física segundo os Parâmetros Nacionais Curriculares.

A “Rede de Apoio dos companheiros” é um tipo de apoio que os colegas da turma ajudam voluntariamente um outro colega a enfrentar o dia letivo e enfrentar e envolver em todas atividades escolares (VILLA; THOUSAND, 1999).

O denominado termo colega tutor trata-se de uma estratégia de ensino, utilizados por professores, que pode contribuir para a prática e participação do aluno com deficiência em aula. Esta estratégia é uma proposta de ensino colaborativo designado para beneficiar o aluno com deficiência junto com seu colega tutor (NABEIRO, 2010).

Nesta estratégia o aluno tutor recebe instruções, o que proporciona ganhos acadêmicos, desenvolvimento de habilidades de interação social positiva com outros alunos e elevação da autoestima (VILLA E THOUSAND, 1999).

Turma numerosas podem não ser favoráveis para inclusão de alunos nas aulas. Outras pesquisas também demonstram a necessidade do professor de possuir um número reduzido de alunos por turma (GORGATTI; JUNIOR, 2009). Tal situação pode ser considerada difícil, visto que a demanda por matrículas às vezes é maior que a quantidade de turmas, fazendo-se necessária a sobrecarga de alunos em sala de aula. Para contornar este cenário, é necessária a contratação de mais professores, o que demanda o dispêndio de recursos financeiros.

Sobre a falta de conhecimento sobre as deficiências e de como trabalhar com esse público, observa-se que a formação de professores ainda é um desafio, uma vez que a simples oferta de disciplinas obrigatórias nos cursos de graduação não é capaz de garantir qualidade na atuação docente (BAUMEL; CASTRO, 2002).

Alguns professores argumentam que a falta de conhecimento sobre as deficiências pode complicar na hora de incluir os alunos com deficiência em suas aulas. Mesmo estes fazendo a disciplina de Educação Física Adaptada, os professores ainda se sentem inseguros em turmas que têm alunos com deficiência.

Diversos estudos observaram que os professores relatam a falta de conhecimento para lidar com alunos com deficiência dentro de salas (SANCHES, FERREIRA et. al, 2010; GOMES E BARBOSA, 2006; CRUZ et al., 2011; MENDES; ALMEIDA; TOYODA, 2011).

Nestes estudos os professores consideram como requisito necessário para o professor de Educação Física poder incluir alunos com deficiência em suas aula a “necessidade de se ter cursos de capacitação para aquisição de conhecimentos sobre os vários tipos de deficiência e cursos de reciclagem sobre inclusão escolar”, resultado este que vai ao encontro das manifestações da presente pesquisa.

Para suprir essa demanda é necessário traçar estratégias a fim de informar e desmistificar situações que geram preconceito, como garantir formação permanente para todos os profissionais envolvidos no processo; estabelecer sistemas de colaboração e/ou de cooperação, criando e/ou fortalecendo uma rede de apoio (CRUZ et al., 2011; MENDES; ALMEIDA; TOYODA, 2011).

Dessa forma, os cursos de capacitação na área da deficiência são vistos como parte fundamental da formação continuada dos professores e podem ter efeito positivo na forma como estes percebem sua competência para lidar com alunos com deficiência em situações inclusivas (FLORIAN, 2012).

Visto que foi identificado, no presente trabalho, uma relação entre idade e período de docência com a percepção de barreiras, pode-se destacar que professores com mais idade graduaram-se há mais tempo, por isso, tiveram pouco ou até nenhuma abordagem sobre o tema inclusão na faculdade. Vale destacar que, por um grande período, o curso de EF esteve voltado para o segmento esportivista, porém com as mudanças legislativas e o aumento da presença de pessoas com deficiência na escola, se fez necessário realizar uma abordagem diferente e voltada às práticas pedagógicas e inclusivas.

Foi então que a disciplina de EF na escola precisou ser reformulada quanto aos seus objetivos, processos e conteúdos. Com essas mudanças, o assunto virou pauta para as licenciaturas, havendo essas discussões e a existência de uma disciplina específica, permite que os professores busquem informações, realizem trocas de informações e procurem dar continuidade para os estudos.

Vale ressaltar que a faculdade proporciona ao graduando discussões, trocas de saberes e vivências, a fim de preparar professores para as situações que podem ocorrer na escola. Entretanto, nunca se esgotarão as dúvidas e incertezas do professor, este que vai aprender através das suas vivências na escola, e o que vai diferenciá-lo será a atitude do professor perante uma dificuldade ou uma circunstância nunca vivida. Informação e conhecimento podem trazer segurança para ações futuras.

Desse modo, a formação continuada pode ser uma ferramenta pró-inclusão, pois no presente estudo observou-se que os professores que possuem pós-graduação são as que percebem mais facilitadores para a inclusão e quanto maior o grau de pós-graduação, maior é a percepção de facilitadores. Isso pode ocorrer em virtude de alguns profissionais não se sentirem preparados ao final da graduação e assim, buscam meios de se manterem atualizados e de aquisição de conhecimento (CHICON et. al. 2011).

Sobre isso, El Tassa e Cruz (2016, p.128) salientam que

tal aprendizado, certamente tem início na formação, porém outras aprendizagens serão conhecidas na prática, em situações vivenciadas, refletidas e compartilhadas no interior da escola, potencializando a inovação educativa e a formação inicial e continuada. Uma formação de qualidade prepara os professores para a complexidade e para os desafios que se colocam à construção de uma educação inclusiva.

É preocupante observar que ainda há casos, mesmo que corriqueiros, de dispensa de alunos com deficiência das aulas de Educação Física. Os alunos devem ser dispensados somente por questões de saúde e não em virtude da sua condição física, motora, intelectual etc.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 24) bem dizem que

A Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos. Nesse sentido, cabe assinalar que os alunos portadores de deficiências físicas não podem ser privados das aulas de Educação Física.

A dispensa do aluno pode ocorrer em virtude de insegurança por parte do professor, dos pais ou escola, mas vale lembrar que a Educação Física é um direito, não uma opção descartável, então nenhum aluno pode ser dispensado da disciplina (Rodrigues, 2003).

Alunos dispensados da aula somente em razão de ter uma deficiência, acaba o diferenciando dos demais alunos, uma ação que pode ser considerada anti-inclusiva, tendo em vista que o aluno com deficiência que tiver condições de saúde para estar nas aulas de Educação Física, deve praticar com os demais, e não ser excluído.

8 CONCLUSÃO

Sabemos que para inclusão, existem muitas barreiras ambientais e sociais, que vão além do alcance do professor. Entretanto, o professor deve superar suas barreiras pessoais, pois esta sim, depende do professor. Barreiras não podem ser vistas como desculpas. O professor deve esgotar suas ações em prol da inclusão, e não parar diante da primeira barreira encontrada.

Acredita-se que ainda existem muitos professores que, privam seus alunos com deficiência da oportunidade crucial de vivenciarem diversas experiências motoras, sociais e recreativas, justificados pelas barreiras existentes. Por isso a importância de buscar estratégias para que todos alunos possam aproveitar as aulas de Educação Física.

O estudo demonstra que os professores formados nos últimos 10 anos (N=32), têm buscado uma melhor formação continuada (especialização, mestrado e doutorado), e em razão disso percebem um número menor de barreiras tentando encontrar melhores estratégias para o desenvolvimento das aulas de EF.

Observou-se que ainda existe uma carência de recursos humanos (cuidadores e monitores) para auxiliar no desenvolvimento das aulas de EF, por essa razão, percebe-se a importância da mobilização de pessoas para a realização da inclusão. Os recursos materiais e estruturais não devem ser descartados, porém a atitude de pessoas pode tornar a realidade de pessoas com deficiência muito melhor.

A formação continuada pode ser uma grande aliada para inclusão escolar, pois professores que buscam informação e conhecimento, enxergam menos dificuldades e não se paralisam diante de situações atípicas, aprendendo a buscar recursos para suas aulas, a fim de torná-las cada vez mais inclusivas.

Muitos estudos mostram discussões e reflexões sobre as dificuldades enfrentadas por professores frente à uma sociedade não inclusiva. Considera-se importante a elaboração de estudos de intervenção e de investigação sobre práticas inclusivas, pois diante da problemática é preciso observar e realizar ações úteis efetivas além de publicá-las, para que a sociedade saiba o que está sendo feito.

As dificuldades vão sempre existir, pois o universo escolar é um local cheio de peculiaridades, acontecimentos, surpresas e mudanças. Cabe ao professor buscar meios para superar isso, e não paralisar diante do novo.

É importante abordar o tema inclusão nas aulas com todos alunos. Alunos bem informados, podem ser alunos com atitudes mais positivas, pois não se trata de algo estranho para ele.

Informação, mobilização e ação são as palavras chaves para uma aula e uma sociedade mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião De; DUARTE, Edison. Educação Inclusiva: Um Estudo Na Área Da Educação Física. Rev. Bras. Ed. Esp, v. 11, n. 2, p. 223–240, 2005.

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. A participação de alunos com síndrome de down nas aulas de educação física escolar: Um estudo de caso. Movimento, v. 18, n. 3, p. 237–256, 2012.

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. A percepção dos alunos com deficiência sobre a sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar: um estudo de caso. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo, 2014.

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. Os caminhos percorridos pelo processo inclusivo de alunos com deficiência na escola: uma reflexão dos direitos construídos historicamente. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 24, n.40, p. 207-218, maio/ago, 2011.

BARDIN, Laurence; Análise de conteúdo. Edições 70. São Paulo, 2016.

BAUMEL, R. C. R.; CASTRO, A. M. Formação de professores e a escola inclusiva: Questões atuais. Integração, 14(24), 6-11, 2002.

BLOCK, Martin; OBRUSNIKOVA, Iva. Inclusion in Physical Education: A Review of the Literature from 1995-2005. Adapted physical activity quarterly : APAQ. 24. 103-24. 10.1123/apaq.24.2.103, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : Educação física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997

CAIADO, Kátia Regina Moreno; MARTINS, Larissa de Souza; ANTONIO; Nicole Dragone Rosseto. Rev. Diálogo Educ., v. 9, n. 28, p. 621-632, set./dez. Curitiba. 2009

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher. BOSA, Cleonice Alves. "Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura". Psicologia & Sociedade; 21 (1): 65-74, 2009

CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva com os Pingos nos Is. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

CHICON, José Francisco. MENDES, Katiucia Aparecida Moreira de Oliveira. SÁ, Maria das Graças Carvaho Silva de. Educação física e inclusão : a experiência na Escola Azul. Movimento, 2011.

CHICON, José Francisco et al. Educação física e inclusão: A mediação pedagógica do professor na brinquedoteca. Movimento, v. 22, n. 1, p. 279–292, 2016.

CONFEEF, Nota Técnica nº 003/2012. Agosto de 2012. Disponível em <<https://www.confef.org.br/confef/conteudo/838>> Acesso em 28/07/2019.

CRUZ, Gilmar de Carvalho; SCHNECKENBERG, Marisa; EL TASSA, Khaled Omar Mohamad; CHAVES, Letícia. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 229-243, out./dez. 2011.

EL TASSA, Khaled Omar Mohamad; CRUZ, Gilmar de Carvalho. Formação docente e inclusão em um curso de Licenciatura em Educação Física. Revista de Educação Especial, v. 29, n. 54, p. 121-132, Santa Maria, 2016.

FALKENBACH, Atos Prinz; CHAVES, Fernando Edi; NUNES, Dileni Penna; NASCIMENTO; Vanessa Flores do. A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil. Revista Movimento, v. 13, n. 2, p. 37–53, 2007.

FALKENBACH, Atos Prinz; DREXSLER, Grace; WERLE, Verônica. Didática da Educação Física e Inclusão. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v.28, n.2, p.103-119, jan. 2007

FÁVERO, E. A. G. PANTOJA, L. M. P.; MANTOAN, M. T. E. O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, setembro de 2004.

FILHO, José Belizário; LOWENTHAL, Rosane. A Inclusão Escolar e os Transtornos do Espectro do Autismo. In: SCHMIDT, Carlo (Org.). Autismo, educação e Transdisciplinaridade. Campinas: Papyrus (série educação especial), 2013

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Dificuldades e sucessos de professores de educação física em relação à inclusão escolar. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 22, p. 49–64, 2016.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Inclusão de alunos com deficiência na aula de Educação Física: Identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor, Revista Brasileira de Educação Especial, 2014.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Prática pedagógica e inclusão escolar: concepção dos professores de educação física. Revista Sobama. v. 16, n. 2. Marília. 2015.

FLORIAN, Lani. Preparing Teachers to Work in Inclusive Classrooms: Key Lessons for the Professional Development of Teacher Educators from Scotland's Inclusive Practice Project. Journal of Teacher Education, 63(4), 275–285, 2012.

FONSECA, Michele Pereira de Souza da; SANTOS, Mônica Pereira dos. Culturas, políticas e práticas de inclusão na formação de professores em Educação Física: analisando as ementas. Revista Movimento, v. 17, 2011.

FUCHS, Wendy W. Examining teachers perceived barriers associated with inclusion: Southwest Regional of teacher educators (SRATE) Journal. Winter Edition, 2010.

GAYA, Adroaldo Gaya; Projetos de pesquisa científica pedagógica: o desafio da iniciação científica. Adroaldo Gaya e colaboradores. Casa da Educação. Belo Horizonte, 2016.

GOMES, C.; BARBOSA, J. Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.12, n.1, p.85-100, 2006.

GONÇALVES, Francisco; LIMA, Ricardo; ALBUQUERQUE, Alberto. O perfil do professor de Educação Física e o perfil do treinador, segundo a perspectiva dos alunos do ensino básico e secundário. Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física. 83-90, 2017.

GORGATTI, Márcia Greguol; JÚNIOR, Dante de Rose. Percepções dos Professores Quanto à Inclusão de Alunos com Deficiência em Aulas de Educação Física. Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 119-140, abril/junho de 2009.

GREGUOL, Marcia; MALAGODI, Bruno Marson; CARRARO, Attilio. Inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física: atitudes de professores nas escolas regulares. Revista Brasileira de Educação Especial. Marília. v.24, n.1, p.33-44, Jan.-Mar., 2018

INCLUSÃO, Dicionário online MICHAELIS, Julho. 2019. disponpivel em <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 15 de Julho de 2019

INCLUSÃO SOCIAL, Dicionário online do DICIO, 15 de Julho, 2019 disponível em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 de Julho de 2019

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2018. Brasília: MEC, 2017.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional, Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 61-79, jul./set. 2011.

LAPLANE, Adriana Lia Friszmman; CAIADO, Katia Regina Moreno. Políticas e práticas de educação inclusiva. Campinas, SP: Autores Associados, p. 49-68, 2005.

LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro; BRAY, Cristiane Toller; ROSSATO, Solange Pereira Marques. Inclusão Escolar: Um Estudo Acerca Da Implantação Da Proposta Em Escolas De Ensino Básico. Revista Brasileira de Educação Especializada, v. 15, n. 2, p. 289–306, 2009.

MANZINI, Eduardo José. Recurso pedagógico adaptado e estratégias para o ensino de alunos com deficiência física. In: MANZINI, E. J.; FUJISAWA, D. S. (Org.). Jogos e recursos para comunicação e ensino na educação especial. Marília: ABPEE, p.111-132. 2010.

MARTINS, Celina Luísa Raimundo. Educação física inclusiva: Atitudes dos docentes. Movimento, v. 20, n. 2, p. 637–657, 2014.

MATOS, Selma N. MENDES, Enicéia G. Demandas de Professores Decorrentes da Inclusão Escolar, Revista Brasileira de Educação Especial Marília, v. 21, n. 1, p. 9-22, Jan.-Mar., 2015.

MENDES, Eniceia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia; TOYODA, Cristina Yoshie. Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular. Educ. rev., Curitiba, n. 41, p. 80-93. 2011.

NABEIRO, M. O colega tutor nas aulas de educação física inclusiva. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (Org.). Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010

NACIF, Marcella Fernandes Paticcié; FIGUEIREDO, Diogo Hilgemberg; NEVES, Clara Mockdece; MEIRELES, Juliana Fernandes Filgueiras; FIGUEIREDO, Diego Hilgemberg; PEDRETTI, Augusto; PEDRETTI, Alessandro; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. Educação Física Escolar: Percepções do Aluno com Deficiência. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 22, n. 1, p. 111-124, Jan.-Mar., 2016

OBSERVATÓRIO PNE, <http://www.observatoriodopne.org.br>. Disponível em <http://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas/4-educacao-especial-inclusiva/indicadores>. Acesso em 05/08/2009.

OMOTE, Sadao. Normalização, integração, inclusão. Revista Ponto de Vista, UFSC, Florianópolis, v. 1, n. 1, julho/dezembro, 1999

RODRIGUES, David. O paradigma da educação inclusiva: reflexões sobre uma agenda possível. Inclusão, 1, 7-13. 2000.

RODRIGUES, David. A Educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. Revista da Educação Física da UEM, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003

RODRIGUES, David (org.) "Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva", S. Paulo. Summus Editorial, 2006

RODRIGUES; Margarida Maria de Moura Vieira; FERREIRA, Maria Manuela Pires Sanches. A Inclusão de crianças com necessidades educativas especiais no ensino regular em Portugal: A opinião de educadores de infância e de professores do 1º ciclo do ensino público e privado. Revista Brasileira de Educação Especial. v.23, n.1, p.37-52, Jan.-Mar, 2017.

SANCHES-FERREIRA, M.; MICAEL, M. Teacher education for inclusion country report Portugal. European Agency for the Development of Special Needs Education: Odense, Denmark, 2010.

SANTOS, Mônica Pereira dos; PAULINO, Marcos Moreira. Inclusão em Educação: Cultura, Políticas e Práticas. São Paulo, Ed. Cortez, 2008.

SANTOS, Mônica Pereira dos. O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva. Revista da Faculdade de Educação da UFF - n. 7.p.78-91. Maio, 2003.

SANTOS, M, P.; SOUZA, L. P; ALVES, R. V; GONZAGA, S. A. Educação especial: redefinir ou continuar excluindo? Integração, 14(24), 30-33, 2002.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Política Nacional de Educação na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF, janeiro, 2008 [Documento elaborado pelo grupo de trabalho nomeado pela portaria n. 555/2007, prorrogada pela portaria n.º 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 7 de janeiro de 2008]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em julho de 2019.

SILVA, Régis H. R.; SOUSA, Sônia B.; VIDAL, Maria Helena C. Dilemas e Perspectivas da Educação Física diante do paradigma da inclusão. Pensar a Prática 11/2: 125-135, 2008.

SILVEIRA, Kelly A.; ENUMO, Sônia R. F.; ROSA, Edinete M. Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo: uma revisão de literatura. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 18, n. 4, p. 695-708, Out.-Dez., 2012

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. Inclusão, um guia para educadores. Edi. Artmed, Porto Alegre, 1999.

THOMAS, G.; LOXLEY A. Deconstructing special education and constructing inclusion. Series Editors: Gary Tomas and Christine O'Hanlon, 2007.

TOLOI, Gabriela Gallucci; MANZINI, Eduardo José; SPOLDARO, Diego Machado; ZACARIAS, Lucas Ventura. Inclusive Classes in Physical Education: Teachers' Difficulties. Journal of International Special Needs Education: April 2016, Vol. 19, No. 1, pp. 25-33, 2016.

VILLA, Richard A., THOUSAND, Jacqueline S.; Colaboração dos alunos: Um elemento essencial para elaboração de currículos no século XXI. In: STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. Inclusão: Um guia para educadores. P. 200-222. Artmed. Porto Alegre. 1999.

APÊNDICES

Apêndice A - Questionário

Dados do Professor

- 1) Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino
- 2) Idade: _____
- 3) Ano de conclusão da graduação: _____
- 4) Instituição de conclusão da graduação: _____
- 5) Curso de conclusão da graduação: ☐ Licenciatura plena em Educação Física ☐ Licenciatura em Educação Física ☐ Bacharelado em Educação Física
- 6) Tempo de docência: _____
- 7) Tempo em que dá aula com crianças com deficiência na turma: _____
- 8) Realizou Pós-Graduação?
- ☐ Não ☐ Especialização ☐ Mestrado ☐ Doutorado ☐ Em andamento

Dados da Escola (onde possui aluno com deficiência)

- 9) Rede: ☐ Pública ☐ Privada
- ☐ Municipal ☐ Estadual ☐ Federal
- 10) Possui Sala de Recursos? ☐ Sim ☐ Não

Informações sobre o/a(s) aluno/a(s) (com deficiência)

- 11) Quantos alunos com deficiência você está atendendo este ano? _____
- 12) Qual (ais) deficiência(as) o/a(s) aluno/a(s) apresenta(m)? (pode assinalar mais de uma alternativa)
- ☐ Transtorno do Espectro Autista ☐ Síndromes (Down, Rett, Turner, entre outras) ☐ Déficit Intelectual ☐ Deficiência Física ☐ Deficiência Visual ☐ Deficiência Auditiva
- ☐ Outra. Qual? _____
- 13) Você consegue incluir o seu aluno nas suas aulas? ☐ Sim ☐ Não
- 14) Qual tipo de deficiência você considera a mais difícil de realizar inclusão em suas aulas?
- ☐ Transtorno do Espectro Autista ☐ Déficit Intelectual ☐ Deficiência Física ☐ Deficiência Visual
- ☐ Deficiência Auditiva

Barreiras e Facilitadores			
	Sim	Não	Às vezes (em parte)
15) Na graduação, você teve contato com pessoas com deficiência?			
16) Na graduação, você fez a disciplina de Educação Física Adaptada ou equivalente?			
17) Você costuma fazer cursos de capacitação/atualização para trabalhar com pessoas com deficiência?			
18) Você busca se informar sobre os diferentes tipos de deficiência?			
19) Você se sente inseguro ao ter em sua turma algum aluno com deficiência?			
20) A escola te dá suporte para inclusão de aluno com deficiência em sua aula?			
21) Seu(s) aluno(s) têm cuidador/monitor como ajudante?			
22) Em caso positivo na questão anterior, este monitor/cuidador ajuda para a participação dos alunos nas aulas de Educação Física?			
23) Os colegas ajudam na inclusão dos alunos?			
24) A estrutura física da escola é adequada para inclusão de seu aluno nas aulas de educação física?			
25) Os alunos com deficiência são dispensados das aulas de educação física?			
26) Se o aluno (com deficiência) não quer participar da aula. Você o chama e o motiva para que participe?			
27) Seu aluno com deficiência se mostra motivado em participar das aulas?			
28) Os pais dificultam na participação do aluno com deficiência nas aulas de educação física?			
29) Os pais oferecem informações relevantes sobre o aluno com deficiência?			
30) Você tem conhecimento de LIBRAS? (Língua Brasileira de Sinais)			
31) Os pais dos alunos sem deficiências interferem na participação do aluno com deficiência nas aulas de educação física?			

Apêndice B - Roteiro de perguntas das entrevistas

Roteiro de perguntas para entrevista.

- 1) O que você considera inclusão nas aulas de Educação Física?
- 2) Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas
- 3) Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos com deficiência?
- 4) Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos com deficiência?

Apêndice C - Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Luciana Maia Garcias

Instituição: Universidade Federal de Pelotas - Escola Superior de Educação Física

Endereço: Rua Luiz de Camões, 625, CEP 96055-630, Pelotas - RS

Telefone: (53) 3273-2752

Concordo em participar do estudo "*Barreiras e Facilitadores para a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física*". Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será objetivo geral será "*identificar as barreiras e os facilitadores para inclusão de crianças com deficiência nas aulas de educação física*", cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado que os riscos poderão ser: a recusa para responder o questionário, constrangimento em responder uma determinada pergunta. Foi esclarecido que não serão identificados no estudo, e que só serão expostos o que for permitido por eles. E também, saberão, desde o início que sua fala será gravada.

BENEFÍCIOS: O benefício de participar da pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e posteriormente a situações de ensino-aprendizagem, na prática inclusiva.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal: _____

Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ / ____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma dúvida ou preocupação sobre o estudo pode entrar em contato através do meu endereço acima. Para outras considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPEL – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone CEP (53)3273-2752.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: _____

Apêndice D - Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA COM PROFESSOR(A) 1 **PROFESSOR(A) DE ESCOLA PARTICULAR**

P: O que você considera inclusão nas aulas de educação física?

R: Bom, até falando da minha prática né, eu considero inclusão ele estar participando da aula. Não necessariamente fazendo as mesmas coisas, por que tem atividades que, dependendo da deficiência, ele não consegue fazer, por exemplo, um jogo de futebol, que eu acabo nem fazendo muito nas minhas aulas em função dele, do aluno não poder fazer. Mas em alguns momentos os outros pedem necessário, que ele fique fazendo outra coisa entendeu? Comigo ou com a monitora, enfim, se é futebol fica chutando né. Mas eu evito fazer esse tipo de brincadeira, mas eu acho que inclusão é ele tá dentro da aula, dentro do mesmo espaço, não sentando né, dentro do mesmo espaço participando com todos ali, de todos os momentos né, eu acho isso. Alongamento né, aquecimento a parte, né, a atividade mais importante, depois no final ele estar junto nesses momentos todos. Por que o eu via muito era, né, “ah, essa brincadeira ele faz, aí o que ele não faz ele senta” né e aí ninguém fazia uma ponte, pra que ele, pelo menos conseguisse né, se não aquela atividade uma outra, mas que ele tivesse exercitando né.

P: Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas

R: Olha, a gente precisa, na verdade, eu acredito, de motivação pra que ele queira fazer, só que as vezes é difícil. Eu ofereço a minha ajuda né. Muitas vezes ele faz as coisas comigo, ele faz de mão comigo, ele, é, né, eu, as vezes fico do lado dele todo o tempo pra ele não dispersar. Eu ofereço a minha ajuda.

Não tem assim muito recurso na motivação por que aquilo tem que vir um pouco dele né, mas eu ofereço a minha ajuda, eu faço com ele um circuito. Eu faço ele, daqui a pouco ele se já sente seguro de fazer sozinho pela repetição. Eu ofereço a minha ajuda. Às vezes os próprios colegas também já vão ajudando.

P: Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: Eu não tenho muita dificuldade de avaliar, sabe, não sei se é por que é colégio particular e às vezes a gente têm material, a gente têm mais suporte, têm monitor, enfim, eu não tenho tanta dificuldade assim. O que eu percebo, não sei se vai responder bem a tua pergunta mas é que às vezes eu planejo alguma coisa que não sai do jeito que eu quero por que ele não conseguiu ou por que ele não quer e aí eu tenho que mudar pra poder avaliar né. Não tem como avaliar ele naquela atividade, eu tenho que mudar algumas coisas que eu faço. Essa dificuldade que eu percebo, mas não é com a escola, é com as próprias limitações deles, às vezes eles não conseguem e eu tenho que mudar todo o contexto pra poder avaliar, por que se ele não participou daquela atividade não vou poder avaliar ele naquela habilidade, enfim. Isso eu percebo que eu tenho dificuldade, às vezes, de planejar coisas que ele vá conseguir participar uma aula inteira, de preferência sem a minha ajuda. É nisso assim. A escola dá o suporte material, monitor, por que o monitor acaba ajudando né. Por que eu também tenho todos os outros pra cuidar junto, pra orientar, pra avaliar e aí acaba as vezes monitora ajudando enquanto eu estou fazendo alguma outra coisa pra outro aluno.

P: Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: O material e a monitora são essenciais assim, eu acho que me ajuda bastante. Tem vezes que a monitora nem participa da aula. Ela fica olhando, quando eu solicito, é ótimo, eu adoro quando é assim, por que é sinal que eles estão cada vez mais independentes. Mas ela tá ali, né. Tu sabes que se, por exemplo, eu estou organizando, eu estou falando e ele dispersou, enfim, saiu correndo, ela vai lá ajuda, traz de volta pra aula, essas coisas. E o material né. Tu ter material suficiente, tanto pra fazer diversas brincadeiras quanto para cada um ter o número x de material necessário pra aula. Eu acho que faz muita diferença. Eu acho que faz muita diferença sim. Eu já trabalhei em escola pública também e particular e eu acho que a função do material até por que na pública tem as professoras auxiliares, cuidadoras. Isso ajuda muito. Mas o material as vezes é mais escasso e isso, às vezes, dificulta por que as vezes, tem casos assim, né. Agora faz um tempo, faz 4 anos que eu estou no centro, e aí eu já estou um pouco meio fora da realidade do colégio público, mas quando eu trabalhava as vezes era uma bola de futebol, por que as outras os outros professores também estavam usando e tal e aí como que se tu vai dar um futebol no finalzinho que te pediram, como é que aquele aluno vai ficar trocando passe contigo? Enfim, te dei um exemplo básico, então eu acho que o material faz a diferença também. Até aprendi com o Sapinho, que eu ficava “eu tenho que fazer a mesma coisa que os outros”. Não, às vezes não precisa fazer a mesma coisa que os outros desde que ele esteja fazendo exercício, mas pra isso eu preciso material. Enfim, espaço até a gente adapta, mas o material eu acho essencial. Por que as vezes tu vais ter que adaptar né. Aí tu precisa de mais material. Nos casos que eu tenho atualmente, eu tenho uns 10 alunos, eu não tenho nenhum grave assim, até perguntou aqui também de uma gravidade maior, por exemplo, o que eu tenho mais dificuldade, de PC, eu tenho bastante, não tenho nenhum cadeirante e nenhum PC no momento,

então eles acabam participando da aula, com os mesmos materiais, com as mesmas coisas, com as mesmas atividades, eu consigo envolver. Isso que acho que, até respondi a primeira da inclusão, eu consigo manter eles envolvidos na mesma atividade, mesmo que em algum momento falte a atenção, eles acabam voltando para aquela, mas tive casos já em outros anos que eu necessitei fazer uma atividade diferente, uma coisa diferenciada, mas este ano está bem mais tranquilo até pela prática da gente, a experiência né. A maioria dos meus alunos de lá fazem terapias fora e isso ajuda muito. Eu tive aluno lá que eu tive aqui junto. Eu preparava já pra lá. Assim como é meu trabalho aqui, eu vou preparando-os pra atividade fora entende? Não é só uma terapia pra eles desenvolverem as habilidades motoras, mas pra eles aprenderem a esperar na fila, esperar a vez, coisas que eles podem trabalhar na educação física. Só que na nossa realidade é complicada né. Por que tu sabes que lá fora eles não fazem isso. Não são brincadeiras orientadas. E o que precisa? Assim, até talvez seja interessante o que eu vou te falar. Eles precisam de brincadeiras orientadas, de exercícios orientados, por que se tu deres uma brincadeira ampla, alguns vão ter alcance, mas a maioria não, então eles precisam de coisas orientadas e a gente sabe que a realidade não é, eles largam a bola, aquela coisa. Agora acho que até está mudando bastante. E como eu vou fazer? Como é que um aluno que precisa de orientação, de explicação, de acompanhamento. Tu vais largar a bola ele vai fazer? Ele não vai conseguir. Eu acho que isso também é uma coisa que agrava bastante. Às vezes a gente prepara aqui, mas chega lá e eles não tem as mesmas atividades. Eles nem precisam fazer fila, eles ficam soltos, mas a gente tenta aqui quando aconteça eles consigam se portar.

ENTREVISTA COM PROFESSOR(A) 2
PROFESSOR(A) DE ESCOLA PARTICULAR

P: O que você considera inclusão nas aulas de educação física?

R: Inclusão pra mim é, eu usar de todos os meios possíveis pra que todas as crianças possam participar sejam elas de qualquer, sei lá, procedência, natureza, qualquer condição física, deficiência ou não. Que eu tenha, que eu consiga elaborar uma aula capaz de atender as necessidades de todos que estejam ali, mesmo com muita diferença entre eles.

P: Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas

R: Bom, em primeiro lugar a gente deve ter uma atividade bastante atrativa né, que desperte o interesse da criança, mesmo que a parte toda desportiva que a gente tem que fazer, tem que cumprir todo um cronograma, todo um planejamento, a gente pode, pra algumas crianças que tenham mais dificuldades de ingressar, de interagir com os outros na aulas. A gente pode diversificar com aulas atrativas com recreação, com coisas que despertem o interesse da criança, né. Gente vai usar desta forma aulas atrativas, material legal, colorido, tudo que tiver no alcance da unidade escolar né, no caso se for uma escola pública, com menos recursos, algumas coisas que possam viabilizar o trabalho né. Tem coisas recicláveis que são maravilhosas. A gente pode usar material de boa qualidade ou material reaproveitado. A gente pode criar jogos, pode fazer com que a criança se interesse em criar junto esses jogos, são estratégias que a gente usa pra atrair o interesse da criança se ela porventura não tiver muito interesse ou que não tenha sido anteriormente estimulada pra isso. Então a gente tenta, de alguma forma, fazer assim, deste jeito.

P: Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: Assim ó, o que mais dificulta, no caso, quando a criança dispersa um pouco, teria que ter um acompanhamento, alguém preparado pra ficar por ali, pra dar um suporte pro professor, já que as turmas geralmente são numerosas. Eu acho que um dos fatores que dificultam bastante é não ter essa assessoria, né, de ter uma pessoa para aquela função, quando a criança dispersar, quando a criança tiver alguma outra necessidade, que a gente possa, né, deixar a turma inteira para atender aquela criança especificamente fica difícil. Isso é um dos fatores que dificulta. Outro fator é, talvez, as outras crianças compreenderem aquela diferença, aceitarem aquela diferença e ajudarem a trabalhar, no caso em escola particular, no meu caso, as crianças das escolas particulares elas têm um alto nível de aceitação. Eu estou falando de outras escolas de outros lugares que não tenha esse preparo todo. Então, o grupo todo se preparar pra receber e entender a dificuldade daquela criança, e auxiliar no desenvolvimento, por que uma das coisas mais importantes para aquela criança, ela ser aceita pelo grupo. Não basta só o professor fazer aquele papel intermediário. É importante que a criança se sinta amada e aceita pelo grupo também, é muito importante.

P: Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: O que facilita é, geralmente, o oposto, quando a gente tem uma estrutura boa, quando a gente consegue fazer com que as crianças que estão naquele grupo ajudem a despertar o interesse daquela outra criança, no caso, os autistas, que eles têm um mundo todo particular e que, as vezes, é um pouco difícil. Tive vários alunos autistas e tenho então às vezes tu trazer a criança de

volta pra atividade depois que ele sai dali e vai pro mundinho dele, as vezes dificulta um pouco, a gente conseguir trazer. E se o grupo, se tiver aquela pessoa né, pra ajudar, pra dar aquele suporte, se o grupo também conseguir fazer com que aquela criança volte, o professor ali já tem um auxílio bárbaro né. Por que as vezes só o professor: “vem cá”, estimular a chamar “vem, vem fazer” não é suficiente, então, pra criança, naquele mundo próprio dele, ele precisa de outras coisas. Então, seria, o que facilita realmente, toda parte humana que está envolvida naquilo por que muitas vezes o material também ajuda, atrai né, mas eu acho que, basicamente, fundamentalmente são as pessoas que estão envolvidas naquele processo né. Todo um conjunto de coisas, mas eu acho que a parte humana é a parte mais importante, que facilita bastante.

ENTREVISTA COM PROFESSOR(A) 3

PROFESSOR(A) DE ESCOLA PÚBLICA

P: O que você considera inclusão nas aulas de educação física?

R: Na minha opinião, a inclusão está relacionada à participação de todos na aula e que essa participação mexa com a aprendizagem do aluno, que seja produtiva pra todos, no caso. Não fazer com que todos participem da atividade, mas não tenha um rendimento mínimo assim. E também fazer com que todos, além de participar, tenha uma boa relação entre todos também.

P: Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas

R: A principal forma é adaptação das atividades, modificar atividades, para que o aluno possa fazê-la, mas também que a atividade possa exigir do aluno, que o aluno melhore também. Não deixar a atividade fácil demais pra ele poder

participar mas assim ele não é exigido e aí algumas formas que eu posso citar é diminuir o espaço pra corrida, pro jogo, separar os alunos, quando for dois grupos, tentar nivelar bem os grupos, botar os primeiros das atividades pra fazer sempre os, o que tiver melhor rendimento, que aí os outros vão poder ver e entender melhor e além de explicar, se o aluno precisar que eu faça o exercício pra entender melhor, também é uma estratégia.

P: Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: As principais dificuldades são, fazer com que as atividades que eu penso para atingir os objetivos do conteúdo do trimestre, o aluno possa fazê-lo. Algumas atividades mais complexas podem ter mais dificuldade e o aluno acaba não tendo condições de fazer. Também uma coisa que afeta é a estrutura, dependendo da escola, espaço que tem, material que necessita. Em relação à avaliação, é saber quanto esse aluno evoluiu, que as vezes é pouco, mas significativo comparando com outros alunos que a evolução é maior, a maioria das vezes né, aí eu tenho que conseguir enxergar, comparar o aluno com ele mesmo no caso.

P: Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: O que facilita é tu estudar a deficiência do aluno, né, pra poder encaixar as atividades, as modificações, as estratégias e adaptações. O que ajuda também é a estrutura da escola, se o aluno tiver que ter um monitor, facilita em alguns momentos, e também a turma colaborar em alguns momentos que tem que dar um aporte para esse aluno que a turma o abrace, no caso. E assim, em

relação à avaliação, o que facilita na avaliação é que quanto mais a gente vê ele fazendo a atividade, conseguindo fazer a atividade eu acho melhor pra avaliar. Então o que facilita é o maior número de amostragem do aluno das atividades, no caso.

ENTREVISTA COM PROFESSOR(A) 4

PROFESSOR(A) DE ESCOLA PARTICULAR

P: O que você considera inclusão nas aulas de educação física?

R: Eu considero inclusão: é proporcionar para todos os alunos de turmas assim, de turmas diferentes, mas pra todos os alunos, né, que eles consigam participar da aula, praticar alguma coisa, qualquer atividade física, independente de esporte ou não. Tá. Então eu considero inclusão isso: proporcionar aos alunos que todos participem das aulas né, de uma maneira ou de outra, que eles possam ter o prazer de praticar atividade física dentro deste espaço da aula de educação física.

P: Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas

R: É, eu acabo utilizando algumas estratégias assim como uma mudança nas regras pra permitir que os alunos possam ser incluídos, mudança no espaço, é, uma diminuição do espaço ou aumentar o espaço, é, uma adequação dos materiais também, e aí, se caso a escola não tenha, pra gente construir na sala de aula né, a gente construir com os alunos o material que a gente precisa que a gente possa utilizar pra incluir os alunos. É... utilizar também a estratégia de um colega ajudar o outro quando não tem, não se consegue fazer a atividade assim, né. Então são estratégias variadas, desde auxílio do aluno com outro até adequação de regras e materiais.

P: Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: Às vezes alguns fatores que dificultam assim, é pela questão dos alunos né. Das crianças, elas gostarem de serem sempre desafiadas, deles reconhecerem e extrapolarem os seus limites e às vezes um dos fatores que eu acabo pensando assim ó: daqui há pouco vou mudar uma regra pra facilitar, daqui há pouco eu vou alterar a atividade pra dar uma facilitada e alguns alunos não se sentirem motivados né. Não se sentirem prazerosos com a situação, não sentir prazer com a atividade. Então, às vezes é isso, tipo, é essa uma das dificuldades que eu tenho. Por exemplo, fazer uma pega-pega, mas aí fazer o pega-pega pra daqui há pouco com aluno com deficiência diminuir a regra, diminuir a velocidade, fazer alguma adaptação assim ou deixar ele e às vezes acaba que os próprios alunos sem deficiência acabam excluindo, então essa é uma dificuldade. Eu sempre procuro pensar em tentar buscar atividades que contemplem essas questões né. Ao mesmo tempo que contempla uma questão de inclusão que contemple também a questão do desafio para com os alunos né, pra que eles se sintam motivados a praticar, a fazer a aula sempre né. Outra dificuldade é às vezes o material especial que a gente não tem e eu a gente precisa fazer, a gente precisa botar a mão na massa e pegar daqui há pouco e fazer, trabalhar com os alunos e desenvolver o material. Acho que são essas as maiores dificuldades.

P: Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: O que me facilita bastante nas turmas que eu tenho, com alunos com deficiência, é que eu posso contar com os outros colegas, eu posso contar com os colegas pra ajudar eles a desenvolverem a atividade, pra incentivar eles a

desenvolverem a atividade. Então este é um fator fundamental, assim, quando eu estou planejando, quando eu estou avaliando por que os colegas ajudam muito, os colegas não tem um preconceito assim, sabe, eles colaboram com o desenvolvimento da aula ao mesmo tempo que conseguem ajudar o colega deles. Então, este é um fator muito bom, essa quebra desse preconceito, dessas barreiras de uns para com os outros

ENTREVISTA COM PROFESSOR(A) 5

PROFESSOR(A) DE ESCOLA PÚBLICA

P: O que você considera inclusão nas aulas de educação física?

R: Eu considero inclusão na aula de educação física eu conseguir adaptar as atividades para os alunos incluídos, que eles consigam participar como todos os outros colegas.

P: Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas

R: Bom, eu tento adaptar as atividades pra o que eles conseguem fazer e tento estar sempre ajudando, sempre dando um feedback e também sempre tento que os colegas o ajudem também. Tem alguns colegas que são mais dispostos, assim, a ajudar e gostam de ajudar então eles me ajudam também nessa inclusão.

P: Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: Pra mim, o fator que mais dificulta é a falta de orientação da escola assim, por que a gente até têm sala de recurso lá na escola, mas tá bem reduzido então, eu por exemplo, não encontro com a professora da sala de recursos e eu gostaria de ter uma maior orientação como fazer esse planejamento e tal, por que a gente até tem a cadeira de educação física adaptada né, mas cada criança é uma criança e eu sinto bastante dificuldade em fazer um planejamento e uma avaliação dessa criança. Claro, por exemplo, eu tenho alunos que eu já sou professora há uns 2, 3 anos, então eu consigo ver o que evoluiu o que regrediu, tudo. O que aconteceu comigo, na verdade. Mas eu sinto dificuldade em avaliar por que eu não tenho uma orientação especializada quanto à isso, entende? Por que, tá, eu faço a avaliação da educação física, mas de repente eu não tô fazendo a avaliação do jeito adequado que essa criança necessita, entende? Ou talvez não esteja fazendo o planejamento adequado pra o que essa criança precise. Então essa pra mim é a maior dificuldade.

P: Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: Bom, acho que pra mim o que mais facilita é a continuidade no trabalho. Tem alunos com deficiência que eu sou professora há uns 2, 3 anos que eu consigo saber, conheço aluno há mais tempo e já sei o que eu consigo fazer com ele, o que eu não consigo, o que ele vai ter uma boa resposta, o que não vai e eu já consigo avaliar ele melhor. Eu consigo ter uma sequência no trabalho com ele pra saber o que ele evoluiu o que ele não evoluiu. E tentar contar com a ajuda da coordenação da escola. Não que seja um trabalho muito especializado com crianças com deficiência, mas é um auxílio assim.

ENTREVISTA COM PROFESSOR(A) 6
PROFESSOR(A) DE ESCOLA PÚBLICA E PARTICULAR

P: O que você considera inclusão nas aulas de educação física?

R: Eu considero inclusão quando o meu aluno ou minha aula estão presentes em aula mas pra além disso, pra muito além, eles terem chance de participar de toda aula, né, ou de momentos da aula, conseguindo interagir e tendo possibilidade de praticarem aquilo proposto, tendo condições daquele ambiente que favoreçam a prática deles. Então isso, pra mim, é inclusão. Eles estarem conosco, né, e pra além de estar integrado, estar incluso de maneira participante das atividades propostas.

P: Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas

R: A principal estratégia é sensibilidade pra perceber qual a necessidade daquele aluno ou aquela aluna, né, não necessariamente com deficiência. Me vem agora, rapidamente, o fato de um dos meninos autistas que eu tenho no momento. Então, eu consigo incluir ele se ele se aproximar de uma menininha que ele tem como referência que é colega dele, que ele se sente seguro. Então, no momento de sorteio de duplas, ou tiro um, dois, quando chega nele eu já solicito que ele comece pelo menos com aquela amiguinha por que ele se sente mais seguro e ele acaba participando em mais vezes, em mais atividades e no maior tempo em aula. Fora isso, a tentativa de sempre variar a questão das propostas, né, com relação à altura, quando é acertar o alvo, tem alvos médios, baixos, altos, e tentando fazer com que os comandos sejam repetidos para aqueles alunos que tem uma maior dificuldade. Eu explico na roda grande de conversa depois me direciono àquele aluno que eu percebi que não compreendeu, que precisa de um tempo maior pra assimilar aquilo que foi

explicado. Eu vou individualmente naquela criança e transmito novamente o comando e faço as solicitações. Então as estratégias são de acordo com as necessidades e as deficiências, né, daqueles alunos e aí tentando fazer um atendimento mais individual pra que eles compreendam e se sintam inseridos na aula, na atividade.

P: Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: Lu, eu acredito que na verdade as diversidades das turmas, elas sejam as maiores dificuldades, não aquele aluno especificamente com deficiência, tá? Por que muitas vezes eu acabo demandando o meu tempo e pedindo silêncio chamando atenção de alunos que não têm deficiência, em contrapartida aquele aluno que tem uma série de características específicas da deficiência e acabam estando mais presentes na aula e mais atentos do que aqueles outros alunos sem deficiência né. Então, a minha maior dificuldade é como lidar com as turmas grandes né, enfim, e pra que eu consiga dar atenção para aqueles alunos com deficiência precisam ao mesmo tempo que os outros né, chamam de mais atenção. Então a dificuldade em si é essa, né, com relação aos alunos com deficiência, conhecer um pouco das características de cada deficiência né, e alguns feedbacks das famílias e até com monitor que a gente tem presente pra saber né, como lidar com devidas situações que eles já têm aqueles, né, os, como é que se diz, as características que eles já fazem ou pra determinadas situações acabam que sendo meio que previsíveis né. Então eu acredito que assim, a minha maior dificuldade é dar a devida atenção que eles merecem enquanto que os outros, sem deficiência, chamam a atenção de uma maneira que não precisariam né. Sejam por falta de limites e tudo mais. É, trabalhar com a necessidade que esse aluno tem mas está ali tentando participar e os outros que aparentemente não teriam dificuldades ou necessidades específicas e acabam demandando muito maior tempo e dedicação da gente. Então minha dificuldade é essa.

P: Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: O que colabora é tu ter conhecimento mais ou menos prévio daquele aluno e até ouvir como ele é nas outras disciplinas, a presença do monitor te dá uma segurança, pra administrar ali o momento da aula e o tempo né, eu acredito que o tempo as vezes varia por que o planejamento, mesmo com turmas que têm alunos com deficiência eu acabo não modificando o planejamento né, acabo mudando estratégias, tentando jogar com a organização da estrutura da aula em si né, mas, e as avaliações por pareceres né, muito em cima do individual daquele aluno e tudo mais. Então, o que colabora eu acredito que seja isso né, cada vez mais assim aproximar, se a escola pudesse, os outros profissionais que interagem, que trabalham, que as vezes estão mais em contato com as famílias com os registros, com os antigos pareceres, nos dando feedback e transmitindo sobre as características daqueles alunos, isso auxilia pra se pensar né, em como atender de melhor maneira possível e a questão da presença de uma segunda pessoa, do monitor, pra estar dando suporte ao longo da aula.

ENTREVISTA COM PROFESSOR(A) 7

PROFESSOR(A) DE ESCOLA PÚBLICA

P: O que você considera inclusão nas aulas de educação física?

R: Acredito que seja fazer com que todos alunos da turma participem da aula independente das suas necessidades, dificuldades, habilidades, né. Então, acredito que ter inclusão na aula de educação física é isso, é fazer com que todos participem e aí pra isso a gente precisa adaptar, quando necessário, alguma atividade, ou mudar a forma que a gente está tentando ensinar pra que

todos os alunos, eles possam participar da aula, por que as vezes pode ter um aluno que não tem nenhuma deficiência, mas que também tenha alguma dificuldade, né, e eu preciso também fazer com que esse aluno participe, não só aquele aluno com deficiência, todos os alunos.

P: Se você consegue incluir seu(s) aluno (s) nas suas aulas, cite suas estratégias utilizadas

R: Depende muito do aluno, né, e da deficiência que ele tem e o grau desta deficiência. Geralmente eu tento adaptar as atividades pra que fique, pra que aquele aluno consiga participar, né. Mas se eu vejo que não há necessidade de adaptar a atividade em si mas eu esteja mais perto daquele aluno incentivando mais ele, ajudando ele, então eu vou variando isso, entre adaptar as atividades pra que aqueles alunos participem, pra que aqueles alunos consigam participar, mas se o aluno não tem necessidade de adaptar atividade, mas que eu esteja mais perto dele ajudando então fico com ele e explico as atividades para os outros alunos, enquanto eles estão fazendo eu tento todos que estão com alguma dificuldade, né. Às vezes é difícil, por que a gente é uma só, dependendo da turma a gente não tem auxiliar pra ajudar, né, então eu fico mais com aquele aluno que tem deficiência e que consegue participar da aula por que esse ano eu estou com turmas, eu tenho, na verdade, uma turma com um aluno que realmente participa assim 100% da aula que é um pré. As outras duas turmas, que eu tenho alunos com deficiência, um deles, ele só participa quando ele quer e um aluno que tem Síndrome de Down ele é bem difícil por que ele já foi acostumado assim. Então, agora, este ano eu estou tendo bastante dificuldade de conseguir com que ele faça aula por que ele já está acostumado assim e aí no ano passado ele já era assim então agora esse ano eu tento puxar ele pra algumas atividades e aí quando eu tento, e no dia que ele tá de bom humor, ele vai e faz comigo, do lado dele, ajudando ele a fazer as atividade né, mas dependendo do que é, ele não faz e aí não tem, não adianta eu puxar, não adianta vir a auxiliar, não tem o que faça ele se levantar do lugar dele. E tem uma outra turma que o aluno tem um autismo muito

severo, muito severo mesmo, que ele não participa, o que ele faz é tá junto com os colegas. Eu o deixo correr, eu o deixo estar ali no ambiente por que ele não participa, é muito difícil mesmo, mas aí a participação dele é assim, é tá ali naquele ambiente correndo. Eu mantenho ele ali. Eu não peço pra tirarem ele da aula, eu o deixo ali, pra pelo menos ele se adaptar com o ambiente né, e com os colegas. Então as vezes, ele olhando os colegas fazendo, ele faz alguma coisa, ele repete alguma coisinha, mas é, são coisas mínimas.

P: Quais são os fatores que mais dificultam (barreiras) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: Tá, então vamos lá, vou ver se eu consigo te responder. Planejar, aplicar, avaliar. Pra planejar assim os fatores que eu acho que são difíceis é pensar como a gente vai adaptar aquela atividade para aquele aluno. Primeiro pensando, dependendo da turma, se eu vou ter gente pra me ajudar ou se eu não vou ter. Então isso, na hora de planejar a aula já faz toda a diferença se eu tenho uma turma que eu sei que eu tenho um auxiliar, se eu posso contar com aquela auxiliar, que ainda tem isso né, muitas vezes os auxiliares, eles são auxiliares dos alunos com deficiência mas eles não participam muitas vezes da aula, não ajudam muitas vezes. Então isso muitas vezes dificulta né, na hora, mas o que que eu penso assim, eu olho pra ver como é esse aluno, se ele é um aluno que tem, que ele participa, se ele tem alguma mobilidade, se ele tem um certo grau de entendimento aí eu vejo como eu vou adaptar as minhas atividades. Então, já as minhas, os fatores que dificultam são isso, é pensar como eu vou adaptar. Eu sei que eu tenho que pensar, eu tenho que adaptar aquela aula, mas eu preciso fazer uma adaptação que seja com que esse aluno consiga fazer mas que também não fique tão diferente do que os outros alunos, daquilo que os outros alunos têm que fazer, né, então a primeira dificuldade é essa. Nos fatores de aplicar é o fato de muitas vezes tu não ter gente que te ajude, né, tu sozinha com os alunos no pátio né, quando é na sala de aula, tem um professor que vai lá e que tá sempre junto e senta do lado do aluno, um

professor auxiliar, isso não acontece na aula de educação física, eu não tenho um professor que vá lá e fique com o aluno na rua comigo né então, isso já dificulta, então muitas vezes eu tenho que ter a sorte né, ou conseguir, muitas vezes, pedir pra um aluno me ajudar, né, pra ficar junto desse aluno que tem deficiência ou deixar os outros alunos fazendo a atividade e eu ir lá junto com aquele aluno e pra avaliar também, vai depender muito do que ele consegue fazer, do que ele não consegue, então, as vezes, minha dificuldade maior é, principalmente naqueles alunos fazem muitas atividades, o que extrair do que ele faz pra poder avaliar, né, então isso é difícil, esses fatores acabam atrapalhando muitas vezes né, mas o que geral, as turmas que tem alunos com deficiência, aquelas turmas ali que eu trabalho no Fernando Osório são mais tranquilas assim, por que no fim tu faz uma avaliação individual do aluno né, não faz uma avaliação da turma, tem uma avaliação da turma em geral, como a turma é, mas depois, na hora de avaliar, de entregar os pareceres é uma avaliação individual né, então sempre foco naquilo que o aluno consegue fazer mesmo que ele não participe de quase nada da aula, eu foco no mínimo que ele consegue fazer pra avaliar ele, então é isso.

Ah, e o acompanhamento, que eu esqueci, também, é a questão de tu ficar sozinha e não ter muito, alguém que te ajude assim pra tá junto daquele aluno mas a gente vai se virando e vai tentando, eu pelo menos, como eu trabalho com os anos iniciais eu vejo, eu tento me desdobrar, tento ajudar, tento tá junto né, daquele aluno, mas as vezes é um pouco difícil por que tu não tem outras pessoas pra te ajudar mas a gente vai se virando.

P: Quais são os fatores que mais auxiliam/colaboram (facilitadores) para planejar, aplicar, acompanhar e avaliar aulas de educação física em turmas com alunos deficientes?

R: Tu ter outras pessoas pra te auxiliar, pra te ajudar. Isso favorece muito, né, e aí fica bem mais fácil de tu pensar. Por que daqui a pouco tu consegue fazer, adaptar a atividade de uma forma bem mais direcionada pra aqueles alunos

mesmo e aí tu consegue fazer com que ele faça aquela atividade, né, mas eu sinceramente, o que mais atrapalha é não ter outra pessoa para ajudar por que daí complica, tu tem que pensar o jeito que tu tem que fazer a aula pra que o outro participe ou não. Quando tu tens, isso facilita, eu tenho, por exemplo, no pré de 4 anos, eu tenho uma auxiliar que tá ali sempre e que ela faz a aula comigo, ela me ajuda no desenvolvimento da aula. Toda vez que eu planejo essa aula, apesar de não ter nenhum aluno com deficiência nessa turma, fica muito mais fácil por que sei que ela vai estar ali e vai me ajudar. Mas é isso, é a questão de ter outra pessoa, o que mais que facilita? Mas no geral eu não vejo tanta dificuldade assim, de trabalhar com turmas que tem alunos com deficiências por que naquela escola já é um costume de ter, no Fernando Osório sempre tem algum aluno com deficiência, então se tem alguém pra te ajudar facilita toda vida. Até para aquele aluno conseguir fazer as atividades e aí tu consigas avaliar dentro daquilo que ele consegue fazer. Por que se ele nunca faz e muitas vezes, como não tem ninguém pra te ajudar, fica naquela coisa assim, bem, olha, eu estou sozinha, aquele aluno não quer fazer, ele só fica ali sentado, então, bem, ele vai ficar ali sentado, por que ainda tenho outras 20 crianças pra cuidar, 20 crianças pra fazer com que também façam as aulas, passar o conteúdo, né, então, é complicado assim, quando tem alguém pra ajudar, tudo facilita, sabe, tudo melhora 100%.

ANEXOS

Anexo A – Autorização da Prefeitura de Pelotas



**PREFEITURA
DE PELOTAS**
Educação e Desporto

AUTORIZAÇÃO

A Secretaria Municipal de Educação e Desporto autoriza a realização da pesquisa intitulada “BARREIRAS, FACILITADORES E ESTRATÉGIAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA”, com professores de Educação Física das EMEFS Fernando Osório, Piratinino de Almeida, Francisco Campos Barreto e Colégio Municipal Pelotense da rede municipal de ensino de Pelotas, a ser desenvolvida pela mestranda Luciana Maia Garcias, sob orientação do professor Dr. Alexandre Carriconde Marques, da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, no corrente ano.

Pelotas, 14 de maio de 2019.


Loreni Peverada de Freitas Silva
Diretora de Ensino
SMED - Pelotas/RS

Loreni Peverada de Freitas Silva
Diretora de Ensino

Anexo B - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UFPEL - ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: BARREIRAS, FACILITADORES E ESTRATÉGIAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Pesquisador: ALEXANDRE CARRICONDE MARQUES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 07947619.7.0000.5313

Instituição Proponente: Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.213.642

Apresentação do Projeto:

Com o aumento da presença de pessoas com deficiência, é importante estudar e pesquisar acerca das práticas inclusivas no ambiente escolar. É sabido que, para uma inclusão efetiva, o professor enfrenta barreira e para superá-las é necessário atuação e estratégias por parte do professor. O presente estudo visa identificar quais os facilitadores, barreiras e estratégias desenvolvidas por professores de Educação Física para a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar quais os facilitadores, barreiras e estratégias desenvolvidas por professores de Educação Física para a inclusão de alunos com deficiência em suas aulas.

Verificar o perfil dos professores de Educação Física que ministram aula em turmas que possuem alunos com deficiência nas escolas de Pelotas. - Identificar as escolas que possuem um maior número de crianças com deficiência matriculadas na cidade de Pelotas. - Descrever os facilitadores e barreiras na inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física das escolas investigadas. - Descrever estratégias utilizadas por professores de educação física para inclusão de alunos com deficiência em suas aulas. - Verificar, na percepção dos professores, o que eles consideram incluir um aluno em suas aulas. - Verificar se há relação entre as barreiras e facilitadores com o perfil do professor.

UFPEL - ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Parecer: 3.213.842

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

isto que o presente estudo pretende realizar entrevista, os riscos são baixos. Os riscos previstos poderão ser a recusa para responder o questionário, visto que podem se constranger pelo fato de não conseguirem incluir seus alunos em suas aulas. Podem recusar em virtude de falta de tempo para responder, ou por não querer se expor ou expor a escola.

Para isso, será esclarecido aos pesquisados, que eles não serão identificados no estudo, e que só serão exposto o que for permitido por eles. E também, saberão, desde o início que sua fala será gravada.

Os benefícios do presente estudo são direcionais para os professores de educação física, pois sabendo mais sobre as barreiras enfrentadas por professores, discute-se e procura-se mais formas de superação de dificuldades. E, também, com a disseminação de estratégias inclusivas para o meio docente, podem dar ideias para utilização em suas aulas, para uma tornar-se esta, uma aula inclusiva. Consequentemente, os alunos com deficiência, também são beneficiados e cada vez mais incluídos nas aulas e na sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Todos apresentados adequadamente

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos apresentados

Recomendações:

Aprovação

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovação

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a)

O CEP considera o protocolo de pesquisa adequado, conforme parecer APROVADO, emitido pelo relator. Solicita-se que o pesquisador responsável retorne com o RELATÓRIO FINAL ao término do estudo, considerando o cronograma estabelecido.

At,

UFPEL - ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Parecer: 3.213.542

Airton José Rombaldi

Presidente: CEP/ESEF/UFPEL

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1282684.pdf	14/02/2019 23:12:22		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	14/02/2019 23:12:04	ALEXANDRE CARRICONDE MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	14/02/2019 23:04:47	ALEXANDRE CARRICONDE MARQUES	Aceito
Folha de Rosto	scan.pdf	14/01/2019 13:36:07	ALEXANDRE CARRICONDE MARQUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PELOTAS, 21 de Março de 2019

Assinado por:
Airton José Rombaldi
(Coordenador(a))